

CERAMISTAS DE COQUEIROS

Histórias de vida



CERAMISTAS DE COQUEIROS

Histórias de vida

Realização



Parceria



MONUMENTA



© 2009 Artesanato Solidário/ArteSol

Edição e revisão: Claudia Cavalcanti

Transcrição dos depoimentos: Danilo Ferreira de Camargo

Projeto gráfico e capa: Isabel Carballo

Fotografias: Márcio Lima

ARTESANATO SOLIDÁRIO/ARTESOL

Presidência do Conselho Diretor: Maria do Carmo de Abreu Sodré Mineiro

Coordenação executiva: Helena Sampaio

Difusão e Comunicação: Claudia Cavalcanti

Administração financeira: Victor Trejos

Monitoramento: Macao Goes e Maria José Ramos

São Paulo, fevereiro/2009

Este contém livro registros de histórias de vida dos artesãos e do ofício dos ceramistas de Coqueiros, distrito de Maragogipe, Bahia. A publicação é parte de uma série de atividades de documentação pró-memória (indivíduo e coletividade) que integram do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da UNESCO e do qual o Artesanato Solidário/ArteSol tem a honra de participar.

Para o registro das histórias orais dos ceramistas, o Artesanato Solidário/ArteSol contou com a colaboração da historiadora Daisy Perelmutter, que conduziu as narrativas com sensibilidade e precisão.

SUMÁRIO

- 7 **Prefácio** | Helena Sampaio
- 13 **Apontamentos sobre Coqueiros** | Daisy Perelmutter
- 17 **Coqueiros resiste** | Claudia Cavalcanti
- 19 **Os ceramistas: quem são**
- 23 **Aprendizado**
- 27 **Vida e obra**
 - 27 Ofício
 - 27 *O barro*
 - 27 *O trabalho*
 - 32 *O local de trabalho*
 - 34 *A queima*
 - 36 *A Associação*
 - 37 *As vendas*
 - 40 Cotidiano
 - 43 Relações de gênero
- 45 **Fé**
- 47 **Passado presente futuro**
 - 47 Passado
 - 50 Presente
 - 52 Futuro
- 55 **Entrevista** | Ricardina Pereira da Silva: Dona Cadú





PREFÁCIO Helena Sampaio

Às margens do rio Paraguaçu, em Coqueiros, distrito de Maragojipe, no Recôncavo Baiano, cerca de 50 artesãs produzem em suas casas-oficinas panelas de diversos tamanhos feitas de argila. A argila, adquirida em caçambas e em quantidade para durar de dois a três meses, é espalhada na rua para ser triturada pelos raros carros que passam, facilitando-lhes assim a lida com o barro. Depois de triturada, a argila é peneirada e misturada com água até ganhar consistência. A modelagem é feita com as mãos, sem torno. Antes da queima, as peças são brunidas para ganhar brilho. Por fim, dá-se a queima das peças, uma atividade coletiva para a qual os ceramistas costumam dividir os custos da lenha consumida num grande forno a céu aberto.

Assim descritas, as etapas do ofício de ceramista parecem compor um cenário harmonioso e ordenado da vida em Coqueiros, onde o indivíduo expressa sua arte sem perder o vínculo solidário com a comunidade e onde gerações se sucedem, conformadas, no aprendizado espontâneo do trabalho com o barro, assegurando dessa forma a manutenção da vida e a tradição local.

Ao decidirmos trabalhar com relatos orais e histórias de vida dos ceramistas de Coqueiros, o objetivo do Artesanato Solidário/ArteSol não era revelar um universo por meio de vidas singulares¹, tampouco buscar traçar um quadro verdadeiramente real do ofício de ceramistas, dando-lhes “voz”, como já foi um dia moda nas ciências sociais². Optamos por relatos orais porque, de acordo com Debert³, eles têm força, são vivos e nos fazem pensar que estamos próximos do que é ser um ceramista em Coqueiros. Mais ainda: os relatos chamam nossa atenção para outros processos e são convites para rever interpretações, desenvolver novas hipóteses, enfim, afinar nosso olhar sobre uma dada realidade; apontam para esquemas interpretativos com os quais temos até alguma familiaridade, mas que não supúnhamos capazes de estar permeando vivências tão concretas e distantes (Debert, 1986).

“De domingo a domingo”. A expressão que se repete nos relatos dos ceramistas para se referirem à rotina do moldar o barro, é perturbadora. Ofício e vida confundem-se em um terreno complexo, cheio de tensões e aparentemente contraditório – pelo menos é o que nos parece sugerir os fragmentos das entrevistas.

A tensão primeira, arquétipo, é a polarização entre vida e morte. O ofício organiza a vida em ciclos, da infância à velhice, sem surpresas. A ceramista começa a aprender muito cedo o ofício, com 7 ou 8 anos, primeiro observando o trabalho da mãe ou de uma parente próxima e, mais tarde, sujeitando-se à disciplina punitiva do aprendizado. Raríssimos são os casos de transmissão do ofício fora das relações de parentesco e, quando ocorre, aparece

como uma doação da parte de quem ensinou. Quando jovens, as artesãs mais velhas confiam-lhes o trabalho de brunir e lhes pagam por isso. O brunir é uma etapa da produção que antecede a queima; faz com que a peça se torne mais lisa e vistosa. Mas o trabalho é puxado, repetitivo, requer o vigor da juventude; por isso, mas também porque faz parte do aprendizado do ofício, as mais velhas delegam às mais jovens a tarefa.

Ao atingir simbólica ou fisicamente a velhice, a mulher, amparada por filhos e netos, deixa de moldar o barro e de queimar sua louça, tornando-se mãe ou avó de uma ceramista. Acreditam não ter mais a valentia e o controle necessários dos gestos para dominar o barro.

Ao mesmo tempo em que os relatos nos sugerem uma “naturalização” da transmissão do ofício e da divisão do trabalho, revelam também que esse esquema se encontra seriamente comprometido. As filhas mulheres têm se recusado a aprender o ofício e assim suceder suas mães. Recusam até mesmo a iniciação do aprendizado por meio do brunimento das peças, o que torna ainda mais pesado o dia a dia das ceramistas. Aos filhos homens, falta trabalho. Em sua maioria sem um companheiro e desassistidas de uma rede familiar de proteção, as ceramistas continuam a moldar o barro mesmo com idades já bem avançadas. Dona Cadú, aos 88 anos, produz todos os dias, das 5 às 5, suas panelas. Não se percebe nem se deixa ser velha. Reconhecida como mestra artesã e líder da comunidade, Dona Cadú oferece às ceramistas o modelo para a vida/ofício como forma de congelar o ciclo e se agarrar à vida.

A segunda tensão é o orgulho de um saber que se manifesta porque não há outro saber nem fazer. Os textos se sobrepõem. Um primeiro, como um agrado ao olhar estrangeiro, corresponde à valorização do ofício e ao desejo de transmiti-lo às novas gerações, ou “às modernas”, como se referem às jovens. Outro texto traz a negação da transmissão do patrimônio, negação esta que a própria realidade impõe, mas, também, por um desejo de rompimento. Nessas falas, Deus e barro se mesclam em um panteísmo particular, ambos evocados em paradoxal gratidão; a um e a outro, as ceramistas creditam o aprendizado do ofício no passado e o pão garantido no presente. Mas ao mesmo Deus, rezam pelo futuro dos filhos e netos, um futuro de emprego e bem longe do barro. Se esse futuro desejado não lhes couber, que o barro – que pode tanto quanto o Deus – chame os filhos homens e mulheres para o exercício do ofício que, ao menos, irá lhes garantir a vida como já fez aos seus antepassados.

A queima coletiva das peças celebra o saber compartilhado pelo grupo, mas também é um imperativo da razão prática, com custos e benefícios calculados. Na qualidade de rito, a queima opõe grupo e indivíduo, expondo e assinalando o autor-artesão na hierarquia desse patrimônio imaterial. O rito da queima da cerâmica atualiza o mito das relações em Coqueiros, momento em que grupo e indivíduo renovam suas imutáveis posições e o orgulho no saber comum.

Por fim, o ofício de ceramista em Coqueiros tem gênero e é feminino⁴. Diferentemente dos homens que saem para pescar e se submetem à vontade da natureza (de acordo com a representação que as ceramistas têm do próprio infortúnio), as mulheres

estabelecem com a natureza uma relação transformadora: moldam o barro e o cozinham para transformá-lo em coisas que também cozinham e transformam coisas em uma eterna intervenção criadora. Embora saibam disso e se reconheçam como pontes entre natureza e cultura, sagrado e profano, as ceramistas de Coqueiros continuam a creditar aos homens o domínio dos rios e do mar e esperar deles a sorte de seus destinos.

Sabemos que, como qualquer outro dado, os relatos não falam por si, correndo lado a lado de outras práticas significantes, e que é da dinâmica que se estabelece entre elas que podemos vir a reconstituir significados. Ao compartilhar esse diálogo com os ceramistas de Coqueiros, o Artesanato Solidário/ArteSol espera contribuir para a relativização de conceitos e de seus pressupostos sobre o ofício de moldar o barro, sem deixar, todavia, de ver a arte nele contida.

HELENA SAMPAIO, mestre em Antropologia e doutora em Ciência Política pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é coordenadora executiva do Artesanato Solidário/ArteSol

1 Norman, Denzim citado por Debert, G. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”. In: Cardoso, Ruth (org.). *A Aventura Antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

2 Cardoso, Ruth. “Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método”. In: Cardoso, R., op.cit.

3 Debert, G. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”. In: Cardoso, R. (org.), op cit.

4 Embora dentre as 50 ceramistas existam dois homens, a linha de transmissão do ofício ocorre pelas mulheres, por meio de relações de consaguinidade e/ou de afinidade.



APONTAMENTOS SOBRE COQUEIROS Daisy Perelmutter

Tantas vezes evocado em prosa, verso e música por nossos maiores compositores e intérpretes da Música Popular Brasileira, o Recôncavo Baiano suscita grande interesse e um misterioso fascínio. Se a mística criada por seus nativos ilustres contribui, de um certo modo, para fomentar a simpatia que a região engendra, basta uma primeira experiência in loco para verificar, sem muito esforço, que a sua fama é mais do que justificada. A presença imperiosa e magnânima do Rio Paraguaçu, a riqueza patrimonial das cidades de Cachoeira e São Félix, a vitalidade das manifestações culturais e dos saberes em circulação, são alguns dentre os múltiplos encantos que o Recôncavo oferece.

Coqueiros, uma espécie de bairro periférico do distrito de Maragojipe, insere-se neste contexto de pujança natural e simbólica, apesar da precariedade sócio-econômica de seu povoado e da infraestrutura de serviços disponíveis, ainda assim, “100% melhor do que antigamente”, segundo o relato de um dos ceramistas entrevistados. A insígnia da cidade como depositária de um saber-fazer singular e tradicional – a produção das cerâmicas utilitárias – transmitido de geração em geração, pode ser uma das explicações para o sentimento de altivez que a comunidade parece ser portadora. Apesar de seu insulamento e provincianismo, chamou-me atenção a tranquilidade com que o povoado acolhe seus visitantes e passantes. Nem um interesse excessivo, que pode facilmente resvalar para uma relação vertical de subserviência, nem, por outro lado, recusa e aversão ao “outro” que constituem o caldo perverso para a xenofobia.

Cientes sobre a visita de um pesquisador enviado pelo Artesanato Solidário/ArteSol, o grupo de ceramistas, representado pela sua líder, Dona Cadú, me aguardava com prontidão e gentileza. A espontaneidade na recepção e o irresistível carisma de Dona Cadú, que esbanja jovialidade corporal e vigor intelectual no topo de seus 88 anos, foram determinantes para que eu me sentisse segura quanto à interlocução com os ceramistas. A apreensão gerada pelas distâncias para com os meus entrevistados – regional, étnica, sócio-econômica, profissional, religiosa e etária – e pelo então recente envolvimento com os projetos desenvolvidos pelo ArteSol, foi atenuada no meu primeiro contato com o grupo, realizado poucas horas depois de pisar em solo baiano.

Como em qualquer pesquisa de história oral, ao selecionarmos um elenco de protagonistas deparamos, inexoravelmente, com diferenças e multiplicidades. O tom do relato – melancólico, eufórico, descritivo, lacônico, investigativo, jocoso, queixoso, bem humorado, dentre tantos outros possíveis – a maneira de estruturar a narrativa e compô-la, a fluência e musicalidade do depoimento, o nível de sensibilização do depoente frente às inter-

venções do historiador, a intensidade com que o entrevistado investe no pedido de rememoração e reflexão sobre a própria experiência, a maior ou menor gestualidade corporal, a maior ou menor expressividade facial, a tolerância ou não frente aos silêncios, as mentiras e imprecisões dos fatos narrados são alguns dentre os muitos dados (alguns mais evidentes do que outros) que revelam que o depoimento oral é sempre singular e que “fala” fundamentalmente da subjetividade. Não há como exilar e/ou esterilizar a subjetividade do documento oral. Sua onipresença passa a ser observada em toda a extensão do relato, nos conteúdos trazidos e na forma que ele assume. Mas, afinal, não será este justamente o grande diferencial e aporte trazido pelo método de história oral para o conhecimento historiográfico – em outras palavras, conferir ao processo de produção subjetiva o caráter de objeto passível de investigação? Como afirma a historiadora Verena Alberti, a história oral é o “(...) terreno das diferentes versões e da subjetividade por excelência. Muitos não percebem, contudo, que a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato”¹. No entanto, se a história oral nos dá a dimensão do valor e importância de cada indivíduo, ela também participa da consolidação de uma memória partilhada ao estabelecer um ethos comum que possibilita o estabelecimento de elos entre as várias trajetórias de vida.

Assim sendo, embora não tenha me defrontado com um *script* recorrente nos dez encontros, realizados em Coqueiros (nove entrevistas com diferentes gerações de mulheres e apenas uma com um homem) entre os dias 12 e 17 de outubro de 2008, já que cada pessoa é um “amalgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados” (Alessandro Portelli)², houve uma disposição genuína comum a todo grupo em cooperar com a proposta. Com prudência e parcimônia, mas sem desconfiança.

O pedido de curvar-se sobre si mesmo com o objetivo de resgatar memórias e vasculhar o sentido das experiências, razão de minha visita para Coqueiros, produziu, previsivelmente, uma espécie de “distração” no refrão que sintetiza o cotidiano das ceramistas, que permanecem de domingo a domingo trabalhando com o barro. Independentemente da maior malícia e destreza de alguns para a arte do diálogo, que evidencia, sem dúvida, personalidades mais exuberantes do que outras, lembrando-se de que, sem exceção, todos sofreram as mesmas carências materiais e padecem ainda das mesmas adversidades, o que salta aos olhos e reverbera nos ouvidos é a função estruturante do barro. É a relação com o barro que organiza o tempo, que permite a subsistência material, que favorece a sociabilidade, que confere legitimidade social, que dá lastro para a vida familiar. O barro é uma extensão do próprio corpo, e não há como se manterem clivados deste contato, relataram todos eles, cada um à sua maneira. Assim sendo, a linguagem que melhor sintetiza estas experiências de vida, mais do que a oral é, sem dúvida, a corporal. Impossível não se sensibilizar com a beleza e integridade destas pessoas, ao presenciar a expressividade e bailado que fazem com as mãos, a desenvoltura das pernas, no recorrente levantar/ agachar/sentar a que o trabalho obriga e o gingado de seus movimentos quando transportam suas peças

A linguagem que melhor sintetiza estas experiências de vida, mais do que a oral, é, sem dúvida, a corporal. À direita, Dona Cadú e Maria Lúcia Evangelista (Aia)



para expô-las ao sol e ao vento. A tradição ainda está viva e vibrátil e, portanto, ela prescinde da narração.

Mas se, por um lado, este vínculo visceral com o barro opera como marco social, pontilhando as memórias fugidias, já que infância, juventude e maturidade aparecem de uma maneira turva e imprecisa, por outro ele aparece como o interdito, é o que não pode ser transmitido para os “modernos”, como as ceramistas mais velhas se referem aos jovens. Há uma lucidez impiedosa sobre as dificuldades e mazelas relacionadas ao ofício: do momento da compra da matéria-prima, feita coletivamente, até a queima a céu aberto, realizada pelo grupo de mulheres (ressalto o gênero já que é eminentemente uma atividade feminina), em uma espécie de cerimonial religioso. O barro é o que dignifica as mulheres no presente, mas o barro não é, definitivamente, promessa de futuro, bonança e prosperidade. Ao interpellá-los sobre sonhos e utopias para o futuro, alguns se esquivaram do direito de sonhar, como se esta faculdade não estivesse ao alcance de suas possibilidades. Há uma resignação passiva à vida tal como ela se apresenta. Nos discursos mais engajados, por outro lado, há um pudor quanto à transmissão do ofício para as gerações seguintes. A mácula impregnada ao trabalho alui qualquer horizonte de ascensão social, econômica e cultural.

Nunca é excessivo alertar que as memórias e enredos colhidos decorrentes do diálogo estabelecido no contexto específico da comunicação entre pesquisador e entrevistado são sempre verdades parciais. Todo documento oral é sensível às diversas contingências em jogo. Desde interferências prosaicas como uma noite mal-dormida, uma cadeira desconfortável, um ruído insistente vindo da rua, até obstruções mais profundas como a existência de um grande trauma, a ausência de empatia com o tema e com o interlocutor. Assim sendo, o historiador que trabalha com fontes orais tem que aceitar humildemente os limites tácitos impostos por cada contexto específico, libertando-se do ideal positivista de apreensão total do sujeito/objeto investigado. Como adverte a filósofa Jeanne-Marie Gagnebin, “nem a beleza do mundo nem o sofrimento podem verdadeiramente ser ditos”.³

Por tudo isto, ao contrário daquele que se debruça sobre a documentação escrita ou iconográfica, que luta para não ser sucumbido ou assombrado pela morbidez do passado e pelo fantasma da ausência, o pesquisador que se engaja com o método de história oral se defronta com o seu avesso, com o excesso de vitalidade do presente e com a pujança da presença. Esta pode ser uma das razões do feitiço que a prática de história oral provoca: a velocidade e a intensidade com que nos atira em universos desconhecidos. Este convite feito corpo a corpo parece ser muito mais contagioso e perfurante do que um papel amorfo. O fato de nunca estarmos devidamente preparados para o encontro, já que ele sempre nos reserva uma surpresa que não somos capazes de vislumbrar previamente, torna impossível breçar a convulsão que estes novos afetos podem provocar em nossa existência (no corpo, na memória, na percepção, nas construções inconscientes, na vida social, na relação com o trabalho). O enfrentamento concreto com a problemática anunciada no contexto da entrevista diluiu a sensação abstrata e etérea que muitas experiências e coletivos “dissonantes” provocam.

Antes de finalizar estes apontamentos sobre a viagem para Coqueiros, gostaria, por último, de destacar alguns aspectos que dizem respeito à escuta, que, no delicado equilíbrio da experiência do diálogo, deve estar pautada pelo mesmo comprometimento e entrega que a fala. Escutar o outro na sua alteridade pressupõe a suspensão temporária das próprias necessidades, expectativas, projeções e demônios íntimos. A disposição de promover um hiato de si próprio, exilando-se do bunker interior no qual o sujeito se sente plenamente proprietário, é uma premissa para o sucesso da comunhão que se espera selar no ato da entrevista.

Se a minha rápida intervenção em Coqueiros produziu ou não ressonâncias sobre os meus entrevistados, é impossível mensurar. Contudo, a pesquisadora, que naquele momento estava ávida por novas paisagens visuais e subjetivas, foi brindada, neste seu breve interlúdio no Recôncavo, com uma experiência abrasadora – de trabalho e de vida, daquelas que suscitam, inevitavelmente, ao serem evocadas, o gostinho de “quero mais”.

DAISY PERELMUTTER,
bacharel em Ciências Sociais pela USP,
com mestrado em Psicologia Clínica
e doutorado em História Social pela PUC-SP

¹ Em: *Ouvir Contar – Textos em História Oral*. São Paulo, FGV Editora, 2004, p.9.

² Em: “Tentando aprender um pouquinho – algumas reflexões sobre a ética em História Oral”, in: Maria Antonieta Antonacci e Daisy Perelmutter, *Ética e História Oral*. Projeto História15, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: EdC/CCBB, 1997.

³ Em: *Teologia e Messianismo no pensamento de Walter Benjamin*. Estudos Avançados, n. 37 (Dossiê Memória), São Paulo: setembro/dezembro 1999, pg. 200.



COQUEIROS RESISTE Claudia Cavalcanti

“Aqui a gente pode dormir com a porta aberta, que não acontece nada. No verão pode dormir no barro até o meio-dia. Fora daqui a gente tem de deixar a porta trancada...” – assim descreve a ceramista Maria Antônia dos Santos (Quem) o distrito baiano de Maragojipe chamado Coqueiros, localizado a 15 quilômetros de Cachoeira e São Félix, cujo conjunto arquitetônico faz lembrar um filme de época. Separadas pelo rio Paraguaçu e ligadas por uma ponte de ferro construída por ingleses e inaugurada por D. Pedro II em 1859, as cidades são parada obrigatória no Recôncavo Baiano.

Não muito longe, portanto, está a pacata Coqueiros dos ceramistas visitados, que não conhece a violência urbana, mas em cuja rua quase única os carros passam e amassam o barro, matéria-prima que molda, nas casas-oficinas do lugarejo, todos juntos, passado, presente e futuro; eles depois ardem no fogo que lhes preparam aquelas mulheres, na forma de panelas, frigideiras, fogareiros.

“Coqueiros é o quê? Um município (sic) que você chegou aqui e viu que não tem recursos; se não for a pesca, é o barro”, afirma Ademir Bernardo dos Santos. Os homens saem para pescar: “Um dia traz, outro dia não traz” (Maria de Lurdes Nascimento), porque “aqui peixe é só pequeno, é só os pititinhos, antes tinha tudo peixe, bagre, mas agora... Depois que acabou o robalo, acabou a pescaria... E essas bombas, graças a Deus que agora eu nunca mais vi umas bombas dessas. Bomba que bota no rio pra matar o peixe”, explica Helena Bernardes. As bombas foram resultado de um progresso torto, que extingue a fauna marítima, mas não leva esgoto para as casas (“Se você quiser ter um banheiro, um lugar para fazer as suas necessidades, você tem que cavar a estrada, porque é um duro horrível para você cavar aí na estrada e jogar para o mar”, denuncia Ademir).

Enquanto os homens tentam os peixes, as mulheres trabalham, como quase todas dizem, “de domingo a domingo”, “mas as mulheres daqui são guerreiras mesmo, vão à luta pela cerâmica”, reconhece Ademir. Para compensar, sabem seus filhos e netos quase todos na escola, ao contrário delas mesmas no passado – esse, sim, o verdadeiro progresso.

Descrentes dos peixes que faltam, assim como as perspectivas, os homens se abstêm: “E eles lá vão na igreja? Eles não vão na igreja, não. É custoso você ver um homem aqui na igreja”, diz Lurdes. Mas as “guerreiras” ainda crêem. O sincretismo que caracteriza o Recôncavo, rico em candomblés de caboclo, santos padroeiros e igrejas evangélicas, é acolhido em Coqueiros com festas: da padroeira Nossa Senhora da Conceição, do Bom Jesus dos Navegantes, carnaval, São João. Fora o samba de roda, outra riqueza da região, con-

Na rua quase única de Coqueiros, os carros passam e amassam o barro

siderado “Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade” pela Unesco, revivendo em Coqueiros graças à quase nonagenária D. Cadú, ela também um patrimônio.

Em casa “de domingo a domingo” moldando as panelas, frigideiras e fogareiros que não lhes servirão de utensílios, as ceramistas tentam convencer, em vão, suas filhas e netas a brunir suas peças, sujar as mãos e os rostos de barro e viver do ofício. Viver? “Se a cidade não tem o que oferecer, o que o barro tem a oferecer a esses jovens?”, prenuncia Ademir.

Coqueiros resiste?

CLAUDIA CAVALCANTI,
germanista pela Universidade de Leipzig (Alemanha),
é tradutora e editora

OS CERAMISTAS: QUEM SÃO

Ademir Bernardo dos Santos: 36 anos, solteiro, presidente da Associação dos Ceramistas de Coqueiros: “Eu me formo neste ano, estou fazendo o terceiro ano do ensino médio e pretendo futuramente cursar uma faculdade”.

Antônia de Jesus: 47 anos, viúva, 4 filhos, 2 netas.

Helena Bernardes: 71 anos, viúva, 1 filha, 4 netos, 1 bisneta.

Jussara Mascena dos Santos (Sulene): 32 anos, casada, 4 filhos.

Maria Antônia dos Santos (Quem): 44 anos, casada, três filhos: “Sempre morei aqui e nunca pretendo sair.”

Maria da Conceição das Mercês (Santa): 62 anos, 1 filho, 4 netas. “Meu pai é do Rio do Sal. Não é daqui. É perto de Rio das Almas. Rio do Sal. É, papai, é do Rio do Sal. Você sabe onde é que é? É pra lá de Cruz?... Ou não? Não, é pra lá de Cruz, sertão...”

Maria de Lurdes Nascimento: 73 anos (“Eu tenho uma cacetada de anos”), viúva, 7 filhos, 7 netos.

Maria Lúcia Evangelista (Aia): 64 anos, 10 filhos, 20 netos. “Tenho mais de vinte [netos].”

Raimunda dos Santos: 57 anos, viúva, 11 filhos: “Eu tenho muitos netos”.

Ricardina Pereira da Silva (Mestra “Dona Cadú”): 88 anos, viúva, dois filhos, 1 neta.



APRENDIZADO

Quem

“Minha mãe já fazia desde criança. Mas eu vim aprender mesmo a fazer foi com Lurdes, a minha sogra. Foi ela que me ensinou a fazer, e depois eu criei a família. Aí ela me chamou pra ensinar, e aí continuei até hoje. Vai fazer 22 anos.”
“As minhas meninas, todas as duas já sabem fazer. A mais velha mesmo estava trabalhando comigo lá. Mas como eu vim pra aqui, não tinha espaço. Então ela ficou parada. Aí só quando eu puder fazer um vão pra eu poder trabalhar pra ela voltar a trabalhar comigo.”
“Então hoje eu trabalho, ganho meu dinheiro, compro as minhas coisas. Mas o trabalho eu agradeço até hoje. Tem uma coisa que eu falo, assim, que se não fosse até hoje por Lurdes, eu não tinha nada. Porque foi ela que me chamou, pra me ensinar. Eu me lembro que foi ela, o marido de Dona Cadú. A Cadú, tudo que me incentivou ali. Então estou fazendo as minhas peças, sei fazer de tudo.”

“Quando Lurdes começou a me ensinar, ela começou a me ensinar a fazer as frigideiras pequenas. Aí eu chegava e via a Lurdes fazendo assim, a maior. Aí eu dizia: ‘Quando eu chegar em casa e vou fazer.’ Aí, quando eu chegava em casa, eu fazia. Ela chegava e fazia, assim, travessa. Aí eu, quando chegava em casa, eu dizia: ‘Eu vou fazer.’ Se eu não chegasse aqui não arrumava, não armava. ‘Ó, Lurdes, é assim?’ Ou então eu ia lá e chamava ela pra ver se estava certo. Era assim. Aí eu fui

aprendendo, e não sei fazer tão bem quanto elas, mas faço.”

Raimunda

“A mãe faz. Quando os filhos nascem, aí vai e aprende. Aquele que quer aprender. Aquele que não quer não aprende nada!”
“Eu faço panela. Quando eu não faço panela eu faço frigideira... É assim.”
“Minha mãe que me ensinou a fazer até hoje. Agora meu filho nunca aprendeu. Ele não quis aprender porque ele disse que dá muito trabalho.”

Santa

“Da minha bisavó passou para a minha avó. Da minha avó passou pra minha mãe. Da minha mãe passou pra mim. E de mim, passou pro meu filho. Agora, do meu filho vai crescendo, e passa pra esses meninos. Aí dos meninos passa pro filho dos meninos. Agora, é uma arte. Pense bem: da minha bisavó. Aí a gente já ficou fazendo, ficou fazendo; crescendo, crescendo; foi ensinando, ensinando...”
“Rapaz, ele sentava ali no cimento... Eu mandava ele bater o barro. Aí eu mandava ele suspender. Depois chegava no meio e largava. Aí nisso ele foi batendo, batendo, batendo, até que aprendeu.”

Sulene

“Aprendi com minha mãe. Com minha mãe e com aquela, Toinha, ali, que me ensinou. Todo mundo! Com todo mundo eu aprendi um pouquinho. Ah, foi! Porque

eu ia, batia, saía torto. A Dalina reclamava mesmo que saía torto: 'Não, é assim, é assim...'. Então eu ia e batia de novo."

Ademir

"Eu aprendi com minha mãe e com minha tia. Meus antepassados, minhas avós, tanto paterna como materna, faziam. Minha mãe aprendeu com minha avó, minha avó aprendeu com a mãe dela e assim por diante, veio de geração para geração, passando de um para o outro e eu aprendi com minha mãe e minha tia. A dificuldade é grande no começo, mas depois a gente vai pegando a prática, aí vai embora, senão fica só na teoria e começa a praticar, aí vai rápido."

"Eu tive que aprender a fazer panela de barro para ajudar minha mãe, está entendendo? Na sobrevivência e assim por diante."

"Porque a juventude de hoje não está aprendendo. As mulheres estão todas velhas, não sei como elas aguentam porque é trabalho pra burro, tudo no barro é peso, tudo é peso. E se fosse uma atividade que gerasse dinheiro, eu tenho certeza se todos tivessem uma vida financeira equilibrada, tenho certeza que os jovens de hoje iriam se interessar. Fulano faz panela de barro e tem uma boa casa, um carro do ano, uma casa de veraneio, então eu vou fazer panela de barro, não é isso, não? Fulana ficou a vida inteira fazendo panela de barro e tem uma loja, bens, aí todo mundo iria se interessar. Mas é uma coisa que geralmente você trabalha só para comer mesmo. Mal dá para se manter uma casa com tudo o que se tem direito. Aí você acha, no seu entendimento, que a juventude de hoje, com sua grande experiência, vai tomar isso como conduta de crescimento pro futuro? Não. Então, por isso que eu digo que vai acabar, porque quando chegar uma certa idade

eu vou lavar minhas mãos e adeus o barro. Minha mãe quando eu puder... minhas irmãs já não sabem."

Antônia

"As outras aprenderam com a mãe, né? Eu não tive essa sorte. Aí eu pedia a uma: 'Ah, eu não tenho paciência', e eu não gosto de incomodar os outros, e eu passei dificuldade, de alimentação..."

"Aí eu comecei assim pra aprender. Aí eu comecei a ir pra casa dela, batia o pesinho da louça. Comecei a fazer fundo, eu mais ela, alisava pra ela. A troco de nada. Depois aprendi a brunir aquelas coisas vermelhas. Aí comecei ajudando ela a cortar a louça. 'Então você sabe o que você faz, senhora? Arrume o seu barro que eu vou te ensinar'. Aí eu falei: 'É mesmo, é? Ô, meu Deus!' Aí eu queria um dinheiro, fui pedir pro meu pai que eu precisava de um dinheiro preu poder comprar um barro. Aí ele disse: 'Ah, que comprar barro o quê! Você já está velha e elas não vão querer te ensinar, porque elas têm mais o que fazer'. Aí fui, peguei o barro, catei o barro, pus pra cortar, deixava aqui, enchia a panela, botava na cabeça e levava. Dio, Carlos e Patrícia. Às vezes um segurava no meu braço, outro segurava na minha saia.

Aí amassava, depois ela ia, armava; e, quando era meio dia vinha pra casa, dava almoço pros meninos, dava banho, lavava roupa de noite, e me mandava. E também Deus me ajudou porque eu lá arrumei, e fiquei um mês lá, ela me ensinando. Também ela me ensinou, porque muita peça ela não quis pra dividir. Ela não quis duas peças. Aí ela já me fazia queimar, brunir, cobrir com bambu, aí ela mostrou como é que queima. 'Porque já está na hora de você começar a trabalhar em casa, e não vou ensinar de novo'. Aí ela me ensinou a queimar, e aí eu vim embora



pra casa. Aí eu comecei a trabalhar em casa, mas com muita dificuldade. Porque aqui é um lugar que ninguém quis me ensinar, ninguém quis me ensinar!... A verdade é elas achavam que eu ia tomar o lugar."

"É que a minha dificuldade foi tão grande. Eu fui pra casa dessa criatura só pra aprender a fazer as pecinhas desse tamanho, e o que foi que aconteceu? Eu, quando vim, comecei a fazer as miudinhas. Das miudinhas eu comecei a fazer número dois. Depois comecei a fazer panela. Fui na casa dos outros pra ver como é que era. Fui fazer fogareiro. Aprendi a fazer frigideira, que a pessoa que me ensinou não sabia fazer. Aí eu voltei, ela ficou mais velha, e às vezes ela não tinha força pra pegar sozinha, pra cortar, pra amassar, pra queimar. Eu comecei a contribuir com ela. Eu vinha, comprava o meu barro, aí eu chamava ela pra vir pra cá, trabalhava mais eu, brunia as louças, mas as louças no fim ela pagava a brunição. Mas a gente carregava, a gente queimava, eu queimava a louça dela, com a minha lenha, queimava as louça dela. Com a minha força eu queimava a louça dela. Nunca cobre um centavo dela. E hoje eu aqui eu só sei quem me negou eu já ajudei. Então o que eu quero dizer é que o mal não se faz, o que se faz é o bem. Eu não tenho ódio mais, não. Quem me ensinou foi ela. Dona Ana."

Helena

"Foi difícil, pra aprender é um pouco difícil. Dá um pouquinho de trabalho pra aprender, mas depois que aprendi estou vivendo disso até hoje. Eu tinha a idade de uns dez anos, foi por aí que eu comecei a fazer cerâmica e até hoje estou lutando."

Aia: "A minha mãe pegava assim, ó, com barro no meu rosto, com barro e com tudo pra eu poder aprender"

Lurdes

"Minhas filhas é que não aprenderam, não quiseram nada."

"Aprendi, rapaz, mas pra fazer dá um trabalho danado. Quando a gente não sabe fazer, a gente apanha pra danar. Ela [a tia] batia na nossa cara. Dava tapa quando tinha panela que não sabia fazer. Ela apanhava assim, ela tomava em mim, e eu ia pra maré assim, lavar. Quando eu estava sozinha eu fazia direito. Quando eu estava com ela é que era o medo. Pra aprender tem que ser... Se der moleza, não aprende, não. Se ela me desse moleza eu não fazia, porque eu não sabia nada. Tudo o que a gente tem aqui depende desse trabalho aqui. Se não fosse isso aqui, a gente não tinha nada."

Aia

"Com dez anos eu já comecei a fazer sozinha."

"Aqui elas só fazem mesmo é mariscar. Elas não quiseram o negócio de cerâmica, não. Eu tentei, mas elas não quiseram aprender, não. Não dá para forçar. Eu aprendi com minha mãe, porque eu quis aprender, mas elas não quiseram. Foi muito difícil de eu começar a fazer, a minha mãe pegava assim, ó, com barro no meu rosto, com barro e com tudo pra eu poder aprender. Foi muito difícil mesmo eu aprender, mas hoje em dia elas não querem e eu também não vou forçar."





VIDA E OBRA

■ OFÍCIO

O barro

Quem

“Compra o barro, compra a lenha, paga elas pra brunir. Eu mesma não posso pegar peso, tenho problema de coluna. Às vezes tem que dar um agrado aos meninos, até pra amassar o barro, pra botar um barro na pista, pra pisar. Tudo assim.”

“Esse que fica assim coberto com o plástico aí é o barro. A gente comprava uma placa de barro, que é, era, porque ele nem querem mais por R\$250,00. Quando é no verão a gente aproveita mais. Mas, quando é no inverno a chuva leva mais do que o que fica. E aí nós vamos comprar bambu (pra forrar quando vai queimar), comprar lenha... Arrumamos, depois forra ele todo pra queimar com o bambu pra queimar. Aí você tem que ter dinheiro. Tudo é dinheiro, tudo é despesa. Se a gente for pôr na ponta do lápis mesmo, no fim a gente não ganha nada mesmo. Muito trabalho. Mas tem que fazer.”

Sulene

“Quando a gente está trabalhando não dá nem vontade de ir pra casa. E quando o barro está bom, então! Esse mesmo aqui está bom!”

“O barro mesmo tem gente que compra sozinho. Mas como eu não posso comprar uma çaçamba só, é eu e Toinha ali. Aí é

dividir. Ali mesmo tem um na porta pra dividir.”

“Porque aqueles ali o pessoal compra pra moqueca, moqueca grande, carne de boi. Porque a carne de boi nessas frigideiras aí é uma delícia. O feijão numa panela de barro... Agora, a gente que faz não liga.”

Lurdes

“Minhas pernas não dão mais pra ir lá não, [buscar barro] que elas ficam muito cansadas. Pessoa está velha não aguenta mais nada. Quando a gente está moderno não tem nada, mas ficou velho, aí acabou.”

“Mas fora daqui o barro não é igual, não. Eles compram o daqui, porque o daqui aguenta o fogo. O que eles trabalham por lá não aguenta o fogo não. Em Maragogipe tem pra comprar, mas não aguenta o fogo pra cozinhar. Então eles vêm comprar daqui, pra não se arrepender, porque ele é mais resistente.”

O trabalho

Quem

“A gente trabalha de domingo a domingo, porque sempre tem alguma coisa pra fazer. Às vezes no sábado nós fazemos a louça, no domingo tem acabamento, tem roupa pra lavar, tem uma coisa, tem outra, mas trabalha é a semana toda.”

INSTRUMENTOS DE TRABALHO

enxada
picareta
foice
facão
machado
arupunha
farrado
pano
pedra
tábua
cepo
cuia
pá
coité
ferro
pedaços de tubo
peneira
vassoura
cabaça (quaté)
martelo

“Eu não me acostumo mais a fazer outra coisa. Tem hora que eu me aborreço, e digo: ‘Olha, nossa, se Deus botasse eu pra fazer outra coisa, eu não faria mais louça’, porque é essa agonia de não ter onde trabalhar. Mas, na mesma hora, eu paro, penso, eu criei os meus filhos – que foi com a ajuda do meu marido, é claro, porque ele também ajudou, trabalhou. Mas, qualquer coisa assim que eu precisei fazer na minha casa foi com o meu trabalho. Ficar parada hoje não dá, não acostumo mais.”

“Antes eu não tinha quem brunisse, que as meninas eram menores, que eu ficava até doze horas, mais de doze horas por noite. Trabalhava durante o dia até seis horas da tarde, e só sentava pra brunir.”

Raimunda

“Difícil. É um trabalho muito difícil. Não tinha outro, a gente tinha que aprender esse mesmo.”

“Panela aí eu fiz quinze hoje. Quinze panelinhas dessas. Se fosse frigideira eu fazia umas trinta. A frigideira... Mas como a panela dá mais trabalho, eu só fiz quinze. Armei ontem. Hoje eu vou botar a boca, pra poder armar outra amanhã.”

“O trabalho da louça foi só pra gente não morrer de fome. Se não acha uma vendinha para vender, a gente morria de fome. Porque, pelo trabalho do barro, a gente não estava vivo. No inverno aí, numa época que não vende nada, porque não pode fazer, porque não pode secar o barro. Aí não faz...”

Santa

“Eu vou, compro lenha no lugar, aí o rapaz me vende, aí eu vou tirar. Aí vai eu, o meu marido, o meu filho... Aí a gente vai lá tirar.”

Helena Bernardes: “Eu estou vendo a hora dessa arte terminar, porque os modernos não querem aprender”

Sulene

“Se pegar cedo, eu faço até umas 50 panelas por dia.”

“Conversando é bom, né? A gente trabalha mais rápido.”

Antônia

“Essas meninas, modernas, não querem seguir nessa profissão. Essa menina que chegou aqui agora mesmo, ela é alérgica, ela não brune. Ela diz que dói aqui, que dói ali, e ali... Todo moderno. A outra mais velha é que faz isso. A mais velha é alérgica a poeira. Quer dizer, minha peça está toda descascada. Aí, quer dizer, eu estou esperando a menina ficar boa pra poder brunir; ou, contrário, pagar uma pessoa pra brunir. Porque é um trabalho pesado, porque, se fosse só pra gente armar e queimar. Mas o pior é armar, é o mais difícil. Eu acho mais ruim. É pesado. Porque você tem que carregar...”

Helena

“Muito! É um trabalho muito cansado, ainda mais pra gente que já está de idade, é um trabalho muito cansado. A gente gosta, mas está trabalhando porque a gente não passa sem esse trabalho. Aí a gente está fazendo, mas fica cansada por causa da idade. É um trabalho pesado. Os modernos não querem fazer... Eu estou vendo a hora dessa arte terminar, porque os modernos não querem aprender, só é a gente mesmo, tem pouca gente trabalhando na cerâmica.”

“A parte mais difícil? Tem louça que é mais difícil que outras. Aquela louça ali dá muito trabalho. O fogareiro mesmo não é todo mundo que sabe fazer. Agora, não é todo mundo que faz fogareiro, gente nova não faz, panela assim grande não faz.”



“A vida da gente aqui é o trabalho, é o que ajuda a gente é esse trabalho aqui. Com o trabalho a gente ganha mais uma forçazinha, porque em muitos lugares o trabalho da gente não era conhecido e depois dessa Associação aí é reconhecido em todo lugar.”

Lurdes

“Cada um faz aquilo, né? Ela faz o dela, eu faço o meu... Depende do que está fazendo. Às vezes uma está fazendo uma marca, a outra está fazendo outra... Mas é tudo a mesma coisa! Porque o trabalho tudo é um. Só muda que cada um está nas suas casas. Mas o trabalho é um aqui.”

“Sabe como é que a gente cansa? Quando a gente vai cavar o barro, pra botar ali na rodagem. Tem que pegar ele, e aí tem que escavar com a enxada. Aí é que a gente fica com os braços cansados. Às vezes também quando vai pro queimador, tem que ficar abaixando, levantando, arrumando... Aí fica cansado. A gente fica mais cansada. Mas trabalhando aqui a gente não cansa não.”

Aia

“A época que sai mais é quando faz sol, porque quando faz chuva, quando está chovendo a gente não faz nada. Quando está sol, o tempo está quente, dá pra todo mundo trabalhar mais à vontade. Mas quando está chovendo ninguém pode fazer nada. É duro, fica difícil. Agora mesmo eu estou com um bocado aí pra brunir, pra brunir por dentro, mas sem poder brunir por causa da chuva. Para polir ela tem que ter o sol, pra poder esquentar.”

“É um cansaçozinho pouco. Mas também não posso deixar de fazer, porque se eu deixar de fazer eu... sei lá, eu não aguento

ficar mais sem trabalhar, só se eu tiver doente, se eu tiver de cama e não puder mesmo fazer. Mas enquanto eu puder fazer eu estou fazendo.”

“Todo mundo aqui trabalha de domingo a domingo. No domingo, às vezes, a gente não amassa o barro pra fazer diretamente a louça tem o fundo pra fazer, a gente faz isso aqui por baixo, a gente vai ajeitar o barro pra segunda feira, tudo é trabalho. É uma trabalhadeira danada, é um trabalho muito puxado. É um trabalho puxado pra gente e eu acho que não dão nem o valor desse trabalho.”

O local de trabalho

Quem

“Eu trabalho aqui em casa mesmo, porque a gente não tem um lugar pra trabalhar. Eu estava trabalhando numa casa daqui, que um rapaz me deu pra trabalhar. Mas depois ele diz que queria, porque diz que queria vender. Eu entreguei, comecei a trabalhar na cerâmica, mas não deu certo, porque disseram que estava fazendo muita imundície...”

“Eu que estava mais perto e ficava o dia todo lá. Mas aí eu entreguei. E na realidade continua, porque eu não posso ficar parada na minha casa, porque eu preciso trabalhar pra eu viver, né? Aí eu vim trabalhar aqui mesmo. Faço as minhas pecinhas aí na varanda.”

“Porque trabalhar dentro de casa com o barro, realmente não presta, porque é muita sujeira. O pó de barro, tudo isso. Como eu não tenho onde trabalhar, eu tenho que ficar aqui mesmo. Trabalha, de tardinha, quando termina, passa pano, limpa tudo e vai trabalhando...”



Helena

"A gente uma respeita as outras, não anda discutindo, não anda brigando, cada uma em sua casa fazendo o trabalho separado, porque quando a gente tem um cantinho da gente pra trabalhar não tem coisa melhor." "A gente precisa ter uma casinha pra trabalhar, porque a louça ocupa muito espaço e é muito sujo o trabalho, o trabalho da gente é um trabalho muito sujo."

Lurdes

"Não gosto de trabalhar no lugar, pra ficar uma imundície. Não gosto, não. Eu gosto de trabalhar no limpo."

A queima*Quem*

"A gente está tirando as louças do fogo e daqui a pouco a gente sente o cheiro do cabelo queimado. É horrível, é horrível. Às vezes a tintura também faz mal, porque a gente é mulher e às vezes fica com problema de inflamação. É um trabalho muito puxado, e não tem quem valorize o nosso trabalho."

Raimunda

"Às vezes quando é uma louça ligeira, assim, que o tempo tá de chuva, que não dá para todo mundo queimar ligeiro, aí bota junto. Cada um marca a sua, e bota. Aí, quando é a hora de queima, aí cada um bota a sua."

"Às vezes quando é uma louça ligeira, assim, que o tempo tá de chuva, que não dá para todo mundo queimar ligeiro, aí bota junto. Cada um marca a sua, e bota. Aí, quando é a hora de queima, aí cada um bota a sua."

Maria Antônia dos Santos ("Quem") durante a queima da cerâmica: "É um trabalho muito puxado, e não tem quem valorize"



Helena

“É uma queimada, a gente fica toda assim queimada, isso é faísca que cai e fica tudo assim. É uma queimada quando a gente pega pra queimar.”

Lurdes

“A gente que queima. Taca fogo ali, e é a gente que queima. Um que queimava mesmo aqui, sabe, um que queimava mesmo aqui morreu. Mas quem queimou mesmo nunca mais queimou. Teve um mesmo que tomou medo e não queima mais. Então a gente mesmo então que queima. A gente quando queima fica toda moída. A minha mesma não porque é pouca. E quando a gente faz aí uma fornada, que queima a de Ademir, que queima o meu? Meu Deus, aquilo queima a mãe, faz volume. Eu já queimei muito, eu mais Cadú, mas a minha é pouca. Mas às vezes a gente queima junto.”

Aia

“Queimava junto da minha mãe. Depois que eu casei e formei família, aí eu fazia sozinha e queimava sozinha. Enquanto eu estava em casa com ela, fazendo com ela, eu queimava com ela, mas depois que eu casei, comecei a fazer a minha sozinha e passei a queimar sozinha. E sigo fazendo até hoje.”

“Às vezes a gente coloca pra queimar e as camaradas botam junto, na hora dá pra tirar a de cada uma. Eu mesmo na hora que eu botar pra queimar e outra pessoa botar junto e sei tirar as minhas.”

A Associação

Ademir

“Minha função é cuidar dali, está entendendo, é deixar a documentação toda em dia. Eu não estou aqui para ser o salvador da pátria, na verdade ninguém nasceu para ser o salvador da pátria. E aí chegou a hora que a gente acaba se dispersando. Eu sou uma pessoa super-compreensiva, tolero as coisas até onde meu limite deixa tolerar e sempre estou fazendo a minha parte, declaração de imposto de renda, sempre, nada está atrasado, a única coisa no momento que está atrasado é o alvará de funcionamento, porque eu tenho muita coisa, eu trabalho muito, eu tenho meu mundo espiritual também pra cuidar, está entendendo? É muita coisa assim. Às vezes, você lembra de uma coisa e acaba esquecendo de outra, mas em momento algum a Associação sofreu assim um abandono por minha parte.”

“Eu fico feliz pelas mulheres depositarem em mim tanta confiança. E por que elas depositam tanta confiança? Porque, na realidade, eu acho que todas me conhecem e sabem que eu estou aqui para entender, para compreender, lutar contente, ser grosso às vezes quando precisar, está entendendo? Na realidade ninguém é santo e a gente tem que ser rude às vezes com as pessoas. Mas eu me sinto assim feliz e eu queria que a Associação viesse a crescer, ter mais um nome registrado – que na realidade já tem um nome registrado, mas é preciso registrar mais ainda e ver esse município crescer e que viesse apoio. Porque agora mesmo eu acabei de inscrever a Associação, fazer inscrição no Sebrae, o Sebrae ligou para mim, aí eu inscrevi a Associação, aí eu quero ver se o artesanato de Coqueiros for premiado,

a Associação vai ganhar um prêmio, um prêmio esse que é surpresa, está entendendo? Então eu fico feliz por isso.”

Helena

“Essa Associação era pra a gente botar a louça lá pra vender. Mas depois, umas senhoras botaram louça pra vender lá no caminho e quem passa lá compra lá e não entra aqui pra pegar louça.”

Lurdes

“Ali [na Associação] encheu tudo de cerâmica. Ali tudo, aquelas prateleiras viviam cheias ali. E muita gente vinha procurar. Aí, quando você for lá no caminho ver, tem uma avenida do lado de cá, umas coisas que ficavam ali em cima. Depois que elas tiraram da Associação e botaram lá, matou a feira daqui. E o povo, ao invés de descer pra vir pra cá, fica por lá, e lá mesmo compra. Compra do lado de lá, e não de cá. É por isso. Porque quando vendia assim, que vendia uma quantidade... Vendia mesmo: se vender R\$ 10,00, tirava R\$ 1,00 pra deixar lá pra Associação. A quantidade que vendesse tirava a porcentagem. Mas acontece que as pessoas não queriam tirar, as pessoas lá do lado de lá não queriam tirar R\$ 1,00 que fosse que vendesse. Elas queriam pegar tudo, né? Aí tiraram as dela dali, e acabou a vendagem da Associação. Acabou. E quem mais vendia eram elas lá!”

As vendas

Quem

“Porque tem uns clientes que vêm, compram, às vezes pagam tudo de vez também, mas vêm uns que pagam só os

pedaços, que a gente não sabe nem o que é que fazem. Mas é assim.”

Raimunda

“Às vezes a gente vende, uns pagam, outros não pagam. Uns pagam logo, uns compram fiado, pra levar meses pra receber... É assim. Aí, a gente que não tem outro trabalho, o jeito é vender. Vender; fazer mesmo e esperar. A gente só está fazendo mesmo porque a gente só sabe fazer esse trabalho mesmo, e o trabalho que a gente tem aqui mesmo é esse. Aí a gente tem que fazer.”

Santa

“Meu Deus do céu, quem são os maiores fregueses que a gente tem aqui? Quando Deus manda um, né, Cadú?”

Ademir

“O nosso trabalho nunca vai deixar de ser terceirizado, porque quem ganha com ele é quem compra para vender, está entendendo? Se pelo menos fosse criada uma cooperativa, alguém que viesse de lá e comprasse e remarcasse todas as mercadorias aqui produzidas e revendesse lá, tudo bem. A gente tem que dar graças a Deus aos fregueses velhos.”

Antônia

“Porque a gente vive como pode. Por exemplo: a senhora mora aqui, eu moro aqui. A senhora bota uma loja pra vender o seu material. É por que a senhora botou a sua que eu não posso botar a minha aqui? O freguês vem e compra na minha mão, o freguês vai e compra na sua mão, e aí vai. São Joaquim, quantas lojas tem ali? Às vezes o povo tem de entender, às vezes eles falam, elas falam, e eu deixo elas falarem. Eu falo, porque eu preciso dela, ela não quer que fale, que às vezes o povo

acha que eu puxo o saco. Mas não é o saco. Porque eu acho assim: se a senhora me deu a mão, eu tenho que lhe dar a minha mão, eu não posso lhe dar os meus pés. Eu acho assim. Então o povo acha que elas estão tirando, mas eu acho que não. Então, é o jeito delas viverem. Porque aqui a gente tem mais encomenda. Elas só têm ali encomenda de São Joaquim. Quando vêm as pessoas do restaurante, elas procuram a gente, os outros clientes procuram a gente. A gente às vezes não tem nem tempo pra distribuir as encomendas. E elas ali não. Se ficar um ano sem botar pra São Joaquim, elas não levam. Então é com essas peças que elas vivem. Eu entendo assim. Eu não acho – o povo acha assim – que elas foram e saíram da Associação, e não é certo. Tanto esforço. Elas saíram da Associação, certo, e a gente não pode combater.”

Helena

“Quando vem uma encomendazinha aqui divide por todo mundo. Quando vem pra Cadú ela divide com todo mundo, cada uma faz um pouquinho.”

“A gente demora pra ganhar, porque a gente vai fazendo, vem uma encomenda e a gente vai fazendo, fazendo, depois é que vende, mas demora pra vender.”

Lurdes

“Agora o pessoal dá um pouco de valor. Antes a gente trabalhava a troco de nada. Mas agora a gente trabalha, ganha o dinheiro com os negócios que a gente vende. Pouco, assim, mas a gente vende. Teve mais procuração, que antigamente não tinha. O circuito do barro deu uma vista danada no trabalho da gente.”

Aia

“O barro dá mais do que a pesca, porque a pesca é aventura, a pessoa vai se

aventurar pra ver se apanha o peixe, às vezes vai e não apanha. E o serviço da cerâmica é direto. A gente não pega no dinheiro todos os dias, mas a gente vai fazendo, juntando, e quando tem a quantidade que vende já pega no dinheiro. Antigamente a gente vendia muita louça fiado, mas hoje em dia a gente não vende fiado, porque algumas pessoas acertam. Eu mesma já perdi muito dinheiro vendendo fiado, já perdi muito dinheiro.”

“Faz a encomenda pra uma pessoa, aí aquela pessoa divide com as outras, aí todas fazem. Aí quando eles vêm buscar, resgata de todo mundo, bota tudo em um lugar só e aí eles pegam. Ou, então, eles vêm e encomendam a cada uma e cada uma faz a quantidade. Quando é no dia, eles vêm pegar.”

“A gente vende pra Salvador, lá pros restaurantes de Salvador, muitos restaurantes de fora. Às vezes vem uma encomenda da Associação pra todas e todas fazem.”

“Tinha uma pessoa que faleceu, que mataram, que ele encomendava até oito mil peças, dessas daqui, das maiores do que essa, pros restaurantes. Agora, o restaurante dele tem em muitos lugares, tem em Recife, tem em tudo o que é canto do mundo aí tem restaurante dele. Só que esse rapaz mataram no meio do caminho. Vinha encomenda a cada 15 dias, mas aí paramos de fazer. O trabalho continua com os filhos tudo, mas parou... É que ele faleceu e os outros pararam de fazer as encomendas. Mas a gente vende lá pra São Joaquim, Salvador, pras barracas de lá. Os caras lá compram, são fregueses mesmo, eles encomendam e vem e compram, a gente faz. Quando chega essa época assim que passa setembro em diante eles ficam todos doidos, um atrás do outro encomendendo. Hoje mesmo Cadú me deu o recado que vem uma criatura aqui na sexta-feira. Quando eu saí



daqui de casa e cheguei lá já outra criatura perguntou se eu tinha alguma já queimada pra ela ligar pra uma freguesa dela, porque ela está operada e não está fazendo ainda, pra freguesa dela vir buscar. Eu disse a ela: 'O que eu tenho queimado eu não posso vender porque eu já estou esperando a outra. E também tem um freguês meu que está pra chegar.' Aí a gente fica assim, quando chega essa época é a época que a gente mais vende. É de setembro, outubro, novembro por aí assim é a época que a gente mais vende. Quando chega tempo de São João, de festa de São João, eles também procuram muito, mas é o mês mais chuvoso, mais..."

■ COTIDIANO

Quem

"Se eu lhe disser que eu moro aqui, nasci aqui e me criei aqui, todo mundo que mora aqui em Coqueiros que eu conheço. Porque eu sou uma pessoa mais caseira, não sou muito de sair. Tempos de festa, às vezes as meninas chamam pra sair assim. Não gosto de zoar, de tumulto, nada. Eu gosto é de ficar tranquila..."

"Como é que descansa? Porque às vezes tem uma coisa pra fazer, uma roupa pra lavar. É assim. Termina de fazer as coisas. Meio dia eu tomo banho, almoço, e fico aí, assistindo televisão, então deito um pouquinho. É assim."

Raimunda

"Eu cozinho para todo mundo. Uma comidinha besta! Eu compro ali na vendinha que tem lá na frente. Que a gente não tem dinheiro todo dia pra comprar, então a gente compra fiado, pra depois pagar. E eu dou graças a Deus que o vendeiro confia na gente, porque não é

pra todo mundo que eles vendem que gosta de pagar. Aí tem gente que passa fome porque não pode comprar."

"Não saio pra canto nenhum não. Nenhum. Só fico dentro de casa mesmo. Só saio aí pra queimar louça. Quando elas pegam muito trabalho, aí eu vou. Mas daqui eu não saio não. Quase ninguém, não. Porque eu mesmo nunca gostei de sair. Às vezes as mulheres chamam, fazem umas novenas aí, me chamam, e eu não vou."

Santa

"O pessoal come mais peixe. Nossa, eu como muita coisa. Eu compro muita carne. Quando eu estou com o dinheiro eu vou logo comprar. Eu atolo a geladeira. Eu estou com 15 quilos de carne. E ainda tem um desse tamanho aqui na geladeira. Agora aqui tem ostra, tem camarão, tem peixe – que eu comprei. Mas eu largo tudo para comer o meu pedaço de carne. Se eu não comer o meu pedaço de carne, com meu caroçinho de feijão, meu pedaço de boi pra mim..."

Sulene

"A gente trabalha direto. Às vezes não tem nem tempo nem de cuidar da casa."
 "Dia que a gente descansa? Acho que nenhum dia. É mais de noite, assim."
 "Quando é de manhã cedinho, a gente acorda pra pegar o trabalho mais cedo, pra acabar mais cedo..."

Antônia

"Porque eu acho assim: se a gente quer algum benefício, a gente tem que ir atrás. Por exemplo, uma pessoa só não vai conseguir. Às vezes eu chego e digo: 'Vamos na prefeitura, a gente não vai lá pedir um cimento, uma cesta básica, a gente vai pedir uma melhoria para nossa



rua'. Mas ninguém vai! Olha, uma vez, eu fui pra lá pra pedir o carro, teve gente assim que... Eu queria que Carlos Alemão, o prefeito era o Gabriel, porque o Carlos Alemão é o vice de Gabriel. Então eu queria que Carlos Alemão – que Gabriel estava afastado e Alemão estava em seu lugar – mandasse uma viatura. E ele: 'Vou te dar uma surra na porta da rádio', foi o que ele disse a mim. Rapaz, ele me disse brincando, mas isso me doeu, me doeu porque eu

não fui pedir só pros meus três filhos. Eu fui pedir pra maioria, que ninguém foi. Eu chamei e ninguém quis ir. Mas eu disse: 'Está certo'."

"Ainda está cheio de gente que veio até mim, pra dizer preu tirar os meninos da escola. Os parentes... O tio deles mesmo disse: 'Pobre bota os filhos na escola, e ficar estudando!... Bota pra trabalhar, bota pra pescar, bota pra isso'. Eu disse não, vai estudar. Com a fé de Jesus, eles vão fazer

Quem: "Como é que descansa? Porque às vezes tem uma coisa pra fazer, uma roupa pra lavar. É assim"

aquilo que eu não tive, sonhei ter, que eu não tive. Porque, quando eu cheguei, com 11 anos, quando eu saí pra trabalhar em casa de família, meu pai me disse assim: 'Não, ela não vai não, porque eu não vou botar ela na escola'. E: 'não, na minha casa ela vai estudar. Deixa ela trabalhar, que ela vai estudar lá'. Aí chegava, mentiam os dois, e: 'não, hoje ela não vai na escola'. Aí fui mal, não aprendi, e abandonei." "É de domingo a domingo, só de vez em quando que eu saio."

Helena

"Salvador é um lugar muito agitado e nós, aqui, graças a Deus, viveemos de portas abertas, a gente trabalha e ninguém abusa, é difícil de ver um acidente e Salvador a gente vai, mas..."

"Sou tranquila, não gosto de confusão. O que eu puder ajudar, se tiver uma pessoa numa confusão e eu puder acalmar, eu acalmo."

Lurdes

"Assim, o que era pra acontecer aqui era trabalho pras pessoas que não têm. Tem muitas meninas aí que não tem trabalho, não têm nada. Aquilo ali era pra ser assim, pra uma pessoa que tem responsabilidade. Que daquele mesmo que vendesse, tirasse mesmo pra pagar uma pessoa pra ficar ali. Mas esse povo falou de boca. Na hora de chamar político, não tem que faça, não tinha quem fizesse... Aí, eu acho assim: trabalho, assim, que tivesse, era bom, porque tem muitas meninas assim que não fazem nada."

"Ele tem que decidir com a cabeça. E quando a gente não tem mãe a gente vai pela cabeça dos outros. Um vem e dá um conselho pro bem e outro vem e já bota: 'Não, pega aquele caminho dali.' Mentira, porque é aquele dali que é o ruim. A mãe tira o filho do abismo. A mãe chama

aquele filho e diz: 'Ó, meu filho, não faz isso não.' Quando vê que aquilo não dá certo pro filho a mãe diz: 'Isso não dá certo pra tu, não.' E se ele ouvir a mãe ele não cai, não é não? Eu não quero que minha filha passe o que eu já passei nessa vida não, eu não quero. Eu até aqui bati cabeça, mas minhas filhas todas estão com quem casou até hoje. E eu não tive essa sorte, não tive, aí fiquei batendo cabeça, arranjava um ali..."

"Tem muita coisa errada. De primeiro você não via nada desses negócios que acontecem aí pelo mundo. Aqui também está pestiado. E se as mães não estiverem em cima dos filhos... Olha, aqui, de primeiro, não tinha essas ervas malditas que tem por aí. Se as mães não cuidar de seus filhos, eles ficam todos pestiados. Aqui já tem muitos que está pestiado. E os meus, graças a Deus, nunca... Tomam uma cachaça, tem um aí que bebe pra desgraçar eu. Cachaça, né, que dizem que é a mesma droga, mas não é não. A cachaça é outra coisa. Esse aí fica aí assim, quando ele tira pra beber leva dois, três, quatro dias tomando uma, mas outra coisa não faz, não. Mas aqui têm muito, as mães tem que tomar muito cuidado com os filhos."

"A violência não tem muita não, só quando bebem. Esse aí que agora entrou aqui, esse quando bebe adora arrumar problema. Mas a mãe dele cobre no cacete ele. A mãe dele cobre no pau. Mas não tem muita violência aqui não."

Aia

"Não tenho o que dizer de ninguém aqui, porque todo mundo é camarada, todo mundo é amigo. Se um estiver sentindo alguma coisa, a gente podendo ajudar, ajuda. Todo mundo aqui é unido."

"Eu não gosto de cozinhar. Agora tem essa daqui, quem cozinha é ela, mas quando ela não está eu tenho que cozinhar eu mesmo, porque quem mora

em casa é homem que não gosta de ir pra beira do fogo cozinhar, aí sou eu que cozinho pra eles. Eu faço feijão com carne, é frango, é moqueca de peixe."

■ RELAÇÕES DE GÊNERO

Quem

"Os homens se preocupam com o quê? Com o pirão e mais nada. E a gente é pra tudo. A gente leva pra tudo: é filho, é remédio, é roupa, é escola, tudo é a mulher..."

Santa

"Se a gente faz frigideira, eles [os homens] fazem. Ele e Ademir. Se a gente faz panela, eles fazem. Se a gente faz fogareiro, eles fazem. Eu acredito que eles são mais ligeiros do que a gente."

Sulene

"Ele faz também bastante biscate. Que ele trabalha no sertão. É biscate. Eu trabalho, eu trabalho..."

Ademir

"Minha mãe é uma guerreira, para mim é uma soberana."

Antônia

"Quer saber? O pai dos meus filhos nunca viu eles nascerem. Ele estava aí, eu estava com dor, perguntou, mas não foi. Daí tomava meus banhos, ia pra minha cama... Aí, quando nascia mandava chamar. Nunca disse quando eu estava com uma dorzinha. Nunca disse. Às vezes a gente estava conversando, a dor estava ali apertando, 'me dá uma licencinha, que eu vou sair, que eu estou cansada...'. O corpo

está doendo... e daqui a pouco ele nascia. 'Você estava com dor agora? E tu não disse?'. Nunca disse."

Helena

"Antigamente tinha [homem], mas depois aqueles que tinham fogo foram falecendo e os modernos não querem enfrentar a quentura. Não é todo mundo que quer não."

Aia

"Os homens aqui alguns gostam de beber e ficam enchendo o saco, mas tirando isso não tem problema, não."

"Meu marido bebia muito. Bebia muito. Ele teve um enfarte. Ficou doente, fez muita operação, por causa dos problemas e quando acabou voltou a beber de novo e não aguentou. Os problemas de bebida aqui é só com os homens. As mulheres daqui não bebem, não. Só mesmo em tempo de festa que algumas aí gostam de tomar uma cervejinha, mas eu como nunca gostei..."



FÉ

Santa

“Eu estava frequentando a igreja aí. Eu estava indo na igreja de crente aí. Três anos aí! Eu fui quase obrigada. Mas eu sei que o bom é Deus, aquele que tem tudo pra dar à gente. Eu me afastei aí um dia, mas eu acho que eu vim achar muita paz. Muita paz, paciência! Porque eu estava muito triste. Mas muita paz. Porque quando eu estava naquela igreja – igreja de crente – muita paz, dá! Porque eu achei muita paz foi ali. Muita mesmo.”
“Olha só, a gente está ocupada, a gente chama por Deus; a gente tem Deus dentro da gente, o escutar aquelas palavras, e a gente não fica tranquila não?”

Sulene

“Quando tem um final de ano, tem uma novena, aí eu vou. Porque, pra gente sair assim, eu vou mesmo cansada.”

Ademir

“Faz 30 anos que eu estou no candomblé. Aconteceu tão cedo que eu nem tenho essa resposta, eu nem lembro quando eu comecei a me envolver. Eu tinha 16 anos e pouco. Só sei que o candomblé é uma coisa muito bonita, é uma cultura, isso todos nós sabemos apesar de ser injustiçada, criticada, e nós que somos adeptos do candomblé sofremos muitas críticas, estamos abertos para o mundo todo ver. Mas eu não tenho vergonha de ser do candomblé, eu simplesmente me sinto orgulhoso. Estamos aqui com as

portas abertas para quem for, procurando sempre fazer o bem porque é fazendo o bem que você recebe o bem, isso apesar da péssima visão das pessoas. Eu chamo até de ignorantes as pessoas que criticam o candomblé, está entendendo? O candomblé é uma cultura como outra qualquer, só que existe a parte externa e a parte interna. A parte interna é a do corpo fundamento e a externa é aquela parte folclórica, entende? Mas eu valorizo cada dia, cada passo que eu dou pra frente. A cada dia que passa eu procuro valorizar a minha religião porque é minha raiz, minha seita.”

“Eu acho que os espíritos me querem em Coqueiros, eles me querem em Coqueiros. Embaixo de Deus, porque nós sabemos que Deus está acima de tudo e os espíritos e os orixás não são ninguém à frente de Deus. Deus é o pai soberano do universo, ele está acima de tudo. Então, embaixo de Deus... eu estou aqui porque Deus quer minha permanência em Coqueiros, e os orixás também.”

“Eu assisto missa, estou sempre participando de atividades da igreja católica, vou nos evangélicos, porém eu sou padrinho de consagração de uma senhora que se consagrou na Igreja Universal do Reino de Deus.”

“O candomblé vem mudando e eu acho que os orixás devem ser cultuados como antigamente, os ritmos das danças, as cantigas. Tem cantigas que a gente via há alguns anos atrás e hoje a gente não vê mais, então o pessoal diz assim que o candomblé está seguindo o progresso,

Ademir Bernardo dos Santos: “Eu não tenho vergonha de ser do candomblé, eu simplesmente me sinto orgulhoso”

todo mundo está progredindo. Os adeptos mudam alguns ritmos, mas os orixás não mudam, eles continuam os mesmos.”

Antônia

“Eu não sei como eu faço pra perdoar uma pessoa quando ela não faz o bem. Quando faz o bem eu consigo esquecer. Mas quando a pessoa faz o mal, eu não sei, eu não consigo, eu não consigo, eu não consigo. Sempre peço a Deus, rezo, ô, meu Deus, eu quero aprender a perdoar, mas o mal eu não sei. Eu não sei fazer o mal. O mal eu não faço, mas não sai da mente.”

“O povo aí frequenta muito o candomblé, mas eu não... Eu tinha uma tia que era mãe de santa. Mas eu não sou muito chegada não. Quando ela precisava de mim eu ia lá, mas quando ela estava doente. Eu fico assim porque eu perdi a minha mãe – um diz que foi é morte, outro diz que foi macumba. Aí eu procuro o quê? Me afastar. Porque meu pai dizia: Quem está dentro, não sai; quem está fora, não entra. Agora, não desfaço, respeito, mas não digo que não vou... Mas, pra ficar assim no dia a dia, eu não...”





■ **PASSADO**

Antônia

“Eu frequentava muito a igreja depois eu parei. Mas o cansaço... Eu ia direto. É que eu sou um pouquinho invocada.”

“Meus filhos eu criei assim, ó: eu sentava pra trabalhar, fazia uma combuquinha, botava nos peito e começava a trabalhar.

Quando cansava eu deitava.

Quando levantava estava tudo sujo de barro, eu levantava e ia dar banho...”

Ademir

“Eu sempre trabalhei, eu pescava, arrastava redinha e rede grande, vendia peixe em Maragojipe, saía com panela de barro vendendo em Magé entende, sempre trabalhei, nunca fiquei parado não. Desde minha infância eu comecei a trabalhar, vendia peixe. E tinha camboa, vendia muito peixe, entende, fazia arroz doce e lelê, tudo isso pra vender na porta e depois eu me interessei pela arte e comecei a aprender com minha mãe e minha tia e hoje estou prático.”

Helena

“A minha infância era trabalhar. Quando tinha um lugar pra ir passear eu ia. Cadú fazia lotação pra Lapa e a gente ia, minha mocidade foi essa.”

Lurdes

"Eu não estudei, não. Eu ia pra escola, mas eu não aprendi por causa do trabalho. A gente que não tem norma, não estuda, não."

Aia

"Minha mãe também criou os filhos sozinha. Ela era separada do meu pai e criou os filhos sozinha. Era uma vida muito dura. Ela deu muito duro pra criar eu e mais meus irmãos."
 "Eu lembro que minha mãe saía pra tirar lenha e vinha com feixe de lenha na cabeça, bambu, tudo pra queimar as louças. E no dia de sexta-feira pra sábado levava pra feira pra vender e fazer a ferinha pros filhos passar a semana. Durante a semana ela estava ali trabalhando na louça e quando era no dia de sexta-feira de novo. Só quando chovia e não podia queimar mesmo é que ela não ia. Mas se pudesse queimar ia para Maragojipe vender. Foi uma vida muito difícil naquele tempo. Foi com muito sacrifício que minha mãe criou os filhos, foi com muito sacrifício. Eu acho que a minha vida, quando eu criei os meus, ainda foi melhor, porque já era outra época e ainda foi melhor do que quando ela criou os dela, não era fácil não."
 "Naquele tempo não tinha nada, não tinha água encanada, não tinha energia, nada disso, não tinha. Aqui a gente vivia tudo era no escuro com aqueles candeeiros com cipó, era tudo assim na base do cipó, não tinha energia, não tinha água encanada. Água a gente ia pegar nas fontes. Pra tudo, pra beber, pra tudo era nas fontes que era pegar. Naquele tempo a maré, antes de fazer a barragem, misturava a água doce, aí a maré ficava doce e pra lavar a roupa era direto na maré, todo mundo lavava roupa direto na maré. Quando eu digo que é água doce é

porque a maré parecia que era o rio, todo mundo na maré lavando. A vida era difícil. Agora está 100% melhor."

■ PRESENTE

Raimunda

"Eu nasci e fui criada aqui, mas nunca fui. Nem para uma noveninha que tem aqui pertinho eu não vou, sabe? Só fico dentro de casa."
 "Tenho muita fé em Deus, mas na igreja eu não vou não. Eu é que rezo a Deus para ele me ajudar. Mas não vou não."

Aia

"Eu frequento a igreja evangélica que tem aqui em Coqueiros. Eu frequento a Igreja Universal."
 "Quando eu não estou aqui trabalhando eu vou pra igreja ou então vou pra outra casa."

Helena

"Eu fico aqui trabalhando, chamando por Deus pra ir levando a vida."

Santa

"Coisa que eu não tinha antigamente, eu tenho hoje. Agradeço a quem? A quem eu posso agradecer a isso? A Jesus!"
 "Nós é que temos que agradecer pelo dia, pelo dia-a-dia que ele dá à gente. Esta saúde que nós temos, pedindo a Deus a esmola, a misericórdia de ajudar a gente. Então, nós não temos com o que pagar a Deus, e eu digo: 'Senhor, muito obrigada pela saúde...!'"

Quem

"As pessoas que ganham aquele dinheirinho certo por mês, que ganham aposentadoria, a pensão, é mais... Porque ainda tem aquela ajuda. E a pessoa que não tem? O inverno é muito difícil pra gente. É muito difícil quando está chovendo... Mas a gente vai levando, vai levando ali na venda. Quando Deus ajuda vai lá e paga. E vai passando... De fome ninguém morre. Porque aqui ninguém morre de fome, não. Se não tiver nada, o marido ali na pescaria traz aí um peixinho pra dentro de casa e dá pra comer."

Antônia

"Foi aqui que eu criei meus filhos, o que foi muito suado. Formei todos os quatro. Com dificuldade... Não foi uma vida boa, mas, por outro lado, eu ajudei eles, né? Pior foi eu, que não achei nada. E não é por isso que eu vivo triste. Às vezes eu sinto um pouco essa ausência. Ô, meu Deus, eu poderia saber ler, escrever e não consegui."

Raimunda

"Quando eu estou trabalhando eu estou dentro de casa, e quando eu não estou trabalhando eu estou dentro de casa."

Helena

"Emprego aqui é difícil. Agora mesmo tem um aí que largou até de estudar, ia fazer o primeiro ano, pra ver se arruma um... virou a cabeça, foi lá pra Feira de Santana, se inscreveu lá numa firma, mas não chamaram ainda. Largou até o estudo, o curso que estava fazendo pra ver se conseguia trabalho. Aqui é difícil demais, a vida aqui é difícil."
 "Enquanto Deus nos der vida e um pouquinho de saúde nós temos que

trabalhar nisso aqui. Aqui está nosso pão. Eu recebo uma pensão do meu marido, porque eu sou viúva, já faz um bocado de anos, aí eu recebo uma pensão, mas não dá pra viver só com o salário, não dá mesmo, aí a gente precisa fazer o barro pra ajudar."

"As meninas daqui a gente quer que demore mais, mas quando vê já foi e sempre dando trabalho a pai e mãe. As modernas daqui não querem ouvir conselho, a gente chama pra dar conselho, fala pra estudar, primeiro tem que estudar pra depois arrumar um casamento, mas tem muitas que não quer, pega de namorado e daqui a pouco está de neném. Aí vai pras costas de pai e mãe, porque hoje em dia os rapaz não quer mais assumir aí sempre fica nas costas de pai e mãe. A minha neta, graças a Deus, por enquanto está só estudando."

"A gente trabalha porque a gente já é de idade, porque as mulheres novas não querem. Ficam só esperando de pai e mãe e não procuram um trabalho, porque trabalho aqui é esse, não tem nada, aqui não tem nada, não tem trabalho. O trabalho aqui é esse, é a pescaria, o trabalho aqui é esse."

"Ainda mais a gente que não sabe fazer nada, pode-se dizer só o trabalho da gente mesmo. O que eu vou fazer fora daqui? O que eu vou fazer em Salvador, nos outros lugares? Então a gente fica aqui mesmo, aqui a gente trabalha para arranjar mais um trocado."

"Não é pra menos, tanta coisa ruim se dando em cima desse mundo, a gente fica assustada com tanta coisa que vem se dando em cima desse mundo."

Lurdes

"Tem noite que não durmo, que fico pensando. Mas tem dia que eu durmo, e quando vou ver, já amanheceu. Agora tem

dia que a gente fica assim, preocupada e não dorme muito não...”

“Trabalho, eu posso até morrer agora, mas meus filhos estão criados. Se sofrerem é porque querem, porque já estão criados, não é, não estão mais pequenos pra passar o que eu passei, é isso o que eu digo pros meus filhos...”

Aia

“A minha vida agora está melhor. Com tanto sacrifício agora está melhor do que o que era antes.”

“No Natal, no Ano Novo, as filhas que moram em Feira vêm, só mesmo as que moram em Feira é que vêm. E as que moram aqui estão toda hora por aqui. A outra que mora pra lá quando eu vou pra igreja eu passo lá na porta dela. Todo mundo é unido mesmo.”

■ FUTURO

Quem

“Mas eu não tenho mágoa de ninguém. De ninguém eu não tenho, entendeu? E aí eu vou vivendo até o dia que Deus quiser. Trabalhando até quando der. Quando não der, quando não tiver mais espaço pra trabalhar eu paro uns dias pra vender aquela que tem, e continuo trabalhando.”

“Pros meus filhos? Ah, minha filha, eu queria tudo de bom, queria que Deus ajudasse, arrumasse um trabalho. Trabalho bom, que não tivesse que fazer esse trabalho aqui. Minha filha também está em Salvador, a todo momento eu estou pedindo que Deus ajude a dar um trabalho pra ela porque... Isso não é trabalho pra elas, não. Porque as meninas hoje, tudo nova, têm como arrumar outro trabalho, que não é com barro...”

Santa

“O meu sonho, pros meus netos, é lutar, botar eles pra estudar. E tem uma coisa, que é pra amanhã, quando eu fechar o olho, que é pra ele, que quando a minha avó deixou para ele. É isso. É essa casinha que eu deixei aí pra eles. Quando Deus me ajudar, que eu fizer a minha laje. Vou trabalhar, vou ajeitar a casinha deles hoje. Porque está abafado. É quatro netos que eu tenho.”

Antônia

“Eu, agora, já sonhei muito. Mas agora eu estou vendo que o que eu mais queria era que meus filhos ajudassem eu a fazer o meu barro. Era o que eu mais queria, sonho mesmo, meu sonho era eles ajudarem a fazer o barro.”

Lurdes

“Tem que sair, né? Porque não tem. Quem tiver a sorte de achar um trabalho fora, não fica. Quem não tiver... Eu mesmo tenho um menino que trabalha aqui em Cachoeira, que arrumou lugar pra trabalhar em casa... Ele mesmo trabalha aí. Mas aqui, mesmo, ele nunca achou nada aqui. Nada aqui em Coqueiros pra trabalhar, meus filhos nunca achou nada. Nada! E a minha menina, que ensina, foi professora, se formou, mas não teve trabalho. A sorte é que apareceu um concurso aí, passou e foi trabalhar. Senão estava mais eu aí, brunindo louça. O que ela fazia era brunir minha louça. Desse trabalho aí era pra tudo.”

Ademir

“No momento, o que eu penso é em crescimento... que ninguém, meu Deus, nasceu para ser pequeno a vida toda! Todo mundo tem capacidade. Então, o que eu quero é que as painelas de barro –

como assim são chamadas na forma tradicional – que as painelas de Coqueiros sejam mais.”

“Aqui você trabalha muito e continua no mesmo. Apesar de ser uma cultura muito bonita, é uma questão de sobrevivência, muitos ainda fazem por questão de sobrevivência. Eu amo fazer, mas se hoje... como eu disse a você, minha vida é Coqueiros, mas se amanhã chegar aqui uma proposta e que eu vejo que vai compensar mais do que o que eu ganho com a cerâmica, eu vou continuar valorizando a cerâmica e fazendo pela cerâmica o que tiver ao meu alcance? Não. Eu vou deixar a cerâmica de lado. É isso.”





Daisy Perelmutter: Eu queria começar perguntando à senhora um pouco mais lá para trás, antes da sua vida aqui como artesã, o que a senhora lembra? A senhora falou da sua família que não era daqui de São Félix.

Dona Cadú: Não era daqui de Maragojipe.

DP: Não era de Maragojipe, era de São Félix. Eu queria que a senhora falasse um pouquinho, contasse um pouquinho sobre seus pais. Até onde a senhora sabe da família deles? O que a senhora sabe da sua história familiar? O que a senhora lembra, o que foi passado para a senhora?

DC: A gente se criou em dez irmãos juntos. Foram dez irmãos. Aí, menina, depois de tudo criado, tudo casado, a metade já morreu tudo, já faleceram quase todos. Só existem agora três, de dez só existe três. Meu pai também faleceu, minha mãe faleceu. Só ficou a gente mesmo por aqui rolando a vida.

DP: A senhora é a mais nova ou não?

DC: Não, eu tenho uma irmã mais velha do que eu e tenho um irmão mais novo do que eu.

DP: E que moram onde, Dona Cadú?

DC: Eles dois moram perto de São Félix, ficaram por lá e eu casei e vim embora para aqui.

DP: E como a senhora conheceu o seu marido?

DC: Em festa, menina. Em festa, em caruru de São Cosme. E o pai dele, o pai dele tinha candomblé. A gente se

Ricardina Pereira da Silva,
mestra Dona Cadú,
88 anos, em sua oficina,
onde trabalha o dia
inteiro

encontrou na casa do pai dele. Eu tinha um tio que gostava de andar em candomblé, ele me chamou e aí eu fui. E aí nós nos encontramos. Ele gostou de mim. Decerto porque ele também não tinha ninguém. Eu estava mocinha, muito fogosinha, danada.

DP: A senhora devia ser muito fogosinha. Ainda é?

DC: Não, agora acabou o fogo.

DP: Acabou o fogo?

DC: Acabou.

DP: O fogo agora só vai para a cerâmica?

DC: O fogo agora ficou só para a cerâmica, só. Mas, menina, o meu pai era pobre, minha filha.

DP: E o que seu pai fazia?

DC: Meu pai trabalhava na roça e em pedreira. Ele trabalhou muito na roça, eu também trabalhei muito na roça ajudando ele.

DP: E era onde, lá em São Félix?

DC: Era lá em São Félix mesmo, lá perto.

DP: E a sua mãe cuidava dos filhos todos?

DC: É, minha mãe só cuidava dos filhos.

DP: A senhora estava falando do seu marido, mas antes eu gostaria de voltar um pouquinho no seu pai. A senhora falou que ele trabalhava na roça, o que seu pai fazia?

DC: Ele plantava mandioca, inhame, batata, aipim. Ele plantava essas coisas todas, depois comia.

DP: E ele vendia?

DC: Vendia, sim.

DP: Vendia para a cidade?

DC: Não, vendia assim...

DP: Na própria roça?

DC: Era. E a minha mãe cuidava da gente, cuidava dos filhos.

DP: E onde era o local onde a senhora nasceu, era na cidade mesmo ou era fora?

DC: Não, minha filha, era uma fazendazinha, era no mesmo distrito,

mas uma fazenda que se chama Pilar. É no mesmo distrito de São Félix, mas é na fazenda Pilar.

DP: E dos irmãos, Dona Cadú, alguns chegaram a estudar, puderam ir para a escola quando eram pequenos?

DC: Quem chegou a ir para a escola só foram dois. Esse que está ainda aí e uma que morreu com 14 anos. Mas a gente não achou escola. De primeiro as coisas eram muito atrasadas para os pais educar os filhos. Para os pais pobres educar os filhos era péssimo.

DP: E aí a senhora começou a trabalhar muito cedo.

DC: Cedo, minha filha, com dez anos de idade eu já trabalhava. Trabalhava na roça, já trabalhava com o barro e de tarde ia quebrar brita na pedreira. Já trabalhei muito, minha filha. Agora só faço mesmo o barro, mas de primeiro eu trabalhei muito para ajudar meu pai a criar meus irmãos.

DP: E todos os irmãos trabalhavam?

DC: Todos os irmãos trabalhavam na roça e na pedreira.

DP: E esse aprendizado com o barro a senhora teve através do quê? Foi a sua mãe?

DC: Não, aprendi com uma senhora que veio do sertão e fez uma palhocinha junto da casa de meu pai. Ela sabia fazer, aí eu aprendi com ela. Depois ela foi embora, nem sei. Ela já faleceu, ela era bem coroa quando ela apareceu aí.

DP: Então, desde pequena, desde os dez anos que a senhora vem...

DC: Que eu trabalho com o barro.

DP: A senhora trabalha há 78 anos com o barro, é isso?

DC: 78 anos, desde os 10 anos.

DP: São 78 anos de atividades como ceramista.

DC: É.

DP: E desde o começo a senhora teve facilidade?

DC: Sim. A senhora viu esta senhora que aqui chegou e logo depois... Aí fui aprender com ela, ficava olhando, agora não empregava assim para deixar certinho, né? Mas aprendi com ela. A minha irmã também aprendeu. Mas a minha irmã agora não trabalha mais não.

DP: Essa que é mais velha que a senhora?

DC: Mais velha. Ela não trabalha mais.

DP: E onde ela está morando, Dona Cadú?

DC: Ela mora na Fazenda Pilar.

DP: Na mesma onde vocês nasceram?

DC: Sim.

DP: Olha que incrível!

DC: Ela mora lá. O marido faleceu, ela ficou com os filhos pequenos, mas graças a Deus se criou todo mundo.

DP: E como ela sobreviveu financeiramente, ela tem outra atividade?

DC: Trabalhando, minha filha, trabalhando na roça e no barro.

DP: E ela então continua? Ou não continua?

DC: Não, depois que os filhos cresceram, se criaram, cada qual fez sua família, ela parou de trabalhar. Aí se aposentou também e parou de trabalhar

DP: E seus pais, Dona Cadú, eles faleceram há muito tempo?

DC: Já, minha filha, já tem mais ou menos... Meu marido faleceu derradeiro e já tem seguramente uns 20 anos que faleceram. Meu marido que faleceu muito derradeiro já tem 18 anos. Já faz mais de 20 anos que faleceram meus pais.

DP: E a senhora sabia a origem deles? Eles eram dessa região aqui?

DC: Não eram.

DP: De onde eles eram?

DC: Meu pai era do sertão, de Riacho...

DP: Que é onde?

DC: No sertão alto.

DP: E a senhora sabe como ele veio parar aqui?

DP: Quem sabe, minha filha. Na certa foi atrás de trabalho, porque quantas pessoas saem atrás de trabalho, depois por lá arranjam um casamento e por cá ficam.

DP: E a senhora lembra dele, Dona Cadú?

DC: Lembro.

DP: E como eram seu pai e sua mãe?

DC: Meu pai era assim da minha qualidade, bem moreno, meu pai era caboclo, meu pai era neto de índio. Sim, minha filha, meu pai era um caboclolado que você precisa ver, parece que eu estou vendo ele agora.

DP: É mesmo? E como era o nome dele?

DC: Juvino.

DP: E da sua mãe?

DC: Ana.

DP: E o que a senhora lembra? Como pai e mãe, o que a senhora se lembra deles? A senhora se lembra deles contando as histórias?

DC: Ele era um pai ótimo, ele era um pai maravilhoso. Quando eu chegava... depois que eu me casei e chegava lá, quando ele me via: "Oh minha Nossa Senhora, chegou minha filha!". Ele era muito apegado comigo.

DP: Carinhoso?

DC: Demais.

DP: Era uma pessoa que dava beijos e abraços?

DC: E como, minha filha. Quando eu chegava, ele ficava numa alegria: "Oh meu Deus, chegou minha filha, Jesus!". Às vezes ele vinha e passava uns dias comigo também.

DP: E ele trabalhou até ficar bem velhinho?

DC: Ele morreu com 86 anos.

DP: A família da senhora tem essa tradição...

DC: Ele morreu com 86 anos e meu pai, minha filha, não caiu doente para morrer. Ele trabalhou de manhã, ele levantou

cedo. A minha mãe estava aqui comigo, porque ela estava doente, aí eu trouxe ela e ela ficou aqui comigo. Você crê que três dias antes dele falecer, eu sonhei que ele tinha morrido? Aí eu acordei chorando. A fronha estava molhada de água de eu estar chorando. Aí quando eu me assustei eu disse: “Aí, é minha mãe”. Eu me levantei de carreira e fui no quarto olhar ela. Eu morava nessa casa aqui, ó. Ela tava deitadinha assim de banda aí quando... “O que é gente?”, ela falou quando eu virei ela. “Nada não, eu vim dá seu leite”. Mas era porque eu tinha sonhado que meu pai tinha falecido. Aí esquentei o leite, dei a ela e voltei pra minha cama. E passou três dias contados e meio-dia chegou meu irmão aqui, esse que ainda está vivo, veio me dar a notícia. Aí meu marido era vivo e ele disse: “Cadê mamãe?”; e ele disse: “Tá aí, tá deitada”. E ele disse assim: “Foi embora”. Aí eu entrei para dizer a ela que ele tava aqui. Ele ficou conversando com meu marido e disse: “Agora estou imaginando como é que vou dar essa notícia a Cadú”. E eu escutei ele dizer isso, aí eu voltei e disse: “Que notícia?”. E ele disse: “Não, só estou conversando aqui com o Neco”. “Mas eu escutei você dizer que está imaginando como você vai me dar essa notícia. Pode dizer que eu já estou preparada, foi meu pai que faleceu, não foi?” E ele disse: “Quem foi que lhe disse isso?” E eu disse: “Tá com três dias hoje que eu sonhei que ele tinha morrido”. Aí ele disse: “Então você já sabe.”

Ele trabalhou de manhã até dez horas na roça. Quando ele chegou ele foi até perto e tomou um banho no rio e foi para casa. Chegou em casa e disse à menina: “Bote minha comida que eu estou com fome”. A menina botou a comida dele e ela entrou e deixou ele sentado na mesa. Quando ela voltou, ele estava assim, com a

cabeça baixa, já mortinho, já morto na mesa. Aí ela botou a boca no mundo, chamou o povo, pensou que ele estava engasgado com a comida. Ele não tocou na comida, do jeito que ela botou a comida tava. Aí os meninos correram tudo, um puxa uma roupa, outro veste uma roupa, vamos levar ele em São Félix. Aí chegou um primo meu e disse: “Vocês vão levar ele pra onde?” “Vamos levar para São Félix”. “O velho já está morto”.

DP: Que dia que foi, Dona Cadú, a senhora lembra?

DC: Me lembro, foi um dia de quinta-feira.

DP: E a sua mãe viveu mais quanto tempo?

DC: Depois que ele faleceu, ela mesmo doente ela durou mais de ano. Eu levava ela para o médico e ele dizia assim: “Com quem essa velha mora?”. E eu disse a ele: “Mora comigo”. E ele falou: “Tenha cuidado, todo cuidado é pouco, o coração dela tá pregado num fininho de linha.”

DP: E dos irmãos, Dona Cadú, todos ficaram morando por aqui?

DC: É, todos ficaram por lá mesmo na fazenda. Onde nasceram, ficaram. Eu é que vim praqui, mas os outros ficaram onde nasceram.

DP: A senhora sentiu muita diferença aqui ou não?

DC: Não, eu não senti muita diferença porque eu nasci e me criei lá, mas todo mundo me amava quando mudei, sei lá, todo mundo gostava de mim, a mesma coisa é aqui.

DP: E foi fácil a adaptação da senhora aqui, quando a senhora veio?

DC: Foi.

DP: Mas a comunidade aqui era bem pequeninha, não era?

DC: Era sim, mas todo mundo era unido, assim, sei lá, até hoje todo mundo é assim unido. Eu digo sempre assim: “Meu Deus, eu não sei por que eu só achei uma pessoa no mundo, você pode acreditar, quem não



foi com a minha cara, não sei por quê, foi a moça do INPS, só. Porque é todo mundo inteiro, me amam, me gostam, me abraçam, me beijam. Mas essa moça de lá do INPS quando eu cheguei para dar entrada na minha pensão, ela deu entrada, depois ela disse que veio negado. Eu tornei lidar, recorrer, né? E ela disse assim: “A senhora aqui? Ainda está correndo atrás disso?” Eu disse assim: “Estou correndo atrás porque eu sei que tenho direito, minha filha, eu estou

correndo atrás dos meus direitos e você não vai me dar nada”. “A senhora já perdeu uma, quer perder a outra?” Ela queria dizer que eu já tinha perdido a do meu marido e ia perder a minha. Eu disse: “A senhora está me ameaçando? Eu não estou correndo atrás de nada dos outros, estou correndo atrás dos meus direitos.”. Só foi essa pessoa no mundo que eu achei que não foi comigo, só foi essa pessoa, só.

Eu não sei por quê.

DP: É melhor nem saber...

DC: Eu não sei, porque todo mundo, todo mundo em peso que nunca me viu, somente pelas minhas fotos me ama.

DP: E a senhora acha que quando a senhora lembra do seu pai, da sua mãe e dos seus irmãos que essa sua capacidade de se comunicar com as pessoas é uma coisa da sua família, Dona Cadú?

DC: Claro.

DP: Seus irmãos têm também?

DC: Têm sim, ave Maria! Tem dias, sei lá,

tem dias que parece que eu estou conversando com meus pais.

DP: Dá muitas saudades?

DC: Dá muita saudade. Minha mãe, sei lá, minha mãe era mais amarrada com os outros filhos, mas meu pai era um anjo, minha filha, comigo. O meu pai era um anjo de pessoa. Era para você estar aqui para que você visse como era que meu pai me tratava. A minha mãe me tratava muito bem, mas não só digo, porque não houve folga depois de muito tempo, ela passou cinco anos aqui comigo e depois ela emperrou que queria ir embora para a casa da outra filha, que não queria mais ficar aqui. Aí eu e meu irmão perguntamos a ela assim: “Por que, minha mãe, a senhora não quer ficar mais?” E ela disse: “Porque eu não quero ficar mais aqui”. Aí eu peguei ele perguntando a ela assim: “Alguém lhe maltrata?” Ela disse: “Não, me tratam muito bem.” “E Neco lhe maltrata?” (Neco era meu marido, era Manuel, mas chamavam Neco.) “E Neco lhe maltrata?” Ela disse: “Não, ele me trata muito bem”. “Mas por que a senhora quer ir embora?”. “Porque eu não quero ficar mais aqui, eu quero ir embora”. Aí eu não quis mais escutar ele falando. Eu cheguei e disse a ele: “Olha, minha mãe não quer ficar mais, eu quero que você leve ela para a casa de Clara...”

DP: Clara é uma das irmãs?

DC: É Clarisse, o nome dela é Clarisse, mas a gente chama de Clara.

DP: Quais são os nomes da família, dos irmãos, Dona Cadú?

DC: A mais velha é Clarisse. O segundo era João. A terceira era eu, que é Ricardina. Depois vinha Gregório, veio Júlio, veio Cícero, veio Aurelina, veio Antônio, uma filharada, e veio André.

DP: São todos nomes lindos, onde foram escolhidos, a senhora sabe?

DC: Menina, de primeiro, de primeiro, eu não sei muito quanto a isso. Meus pais

quando os filhos nasciam iam ver os nomes dos filhos nas cadernetas, e eles encontravam esses nomes e aí ficavam, foi isso.

DP: E todo mundo nasceu em casa?

DC: Todo mundo nasceu em casa.

DP: E quem que fez o parto?

DC: Era uma senhora que se chamava Dalvice. Essa pessoa cortou meu umbigo e me batizou. Era minha mãe de umbigo e minha madrinha de batismo. Mas todo mundo, todos os dez nasceram em casa. Não, mas teve outra, a Damiana. A Damiana foi a caçula.

DP: E qual que morreu com 14 anos?

DC: Aurelina.

DP: E o que foi, foi doença?

DC: Menina, a gente não sabe nem dizer, porque de primeiro ninguém tinha fogão a gás, ninguém tinha, cozinhava com lenha. Ela foi caçar lenha mais as outras e quando veio ela falou assim: “Vou no rio tomar banho”. A gente achou que ela estava suada e ela tomou esse banho e estoporou, né? E ela botou muito sangue depois que morreu, foi. A gente acha que foi estoporada, porque ela estava suada e tomou banho frio. Ela ia fazer 14 anos, ainda não tinha os 14 anos completos.

DP: E foi um choque muito grande para a família?

DC: Menina, pelo amor de Deus, a gente só faltou foi perder o juízo. A gente só faltou perder o juízo, porque nunca tinha morrido nenhum, nunca tinha morrido nenhum dos irmãos. Quando essa menina morreu... Ela era uma menina bonita, de uma qualidade assim morena.

DP: Dona Cadú, e a comida? Para dar comida para essa gente toda, era tudo o que era plantado na...

DC: É, minha filha, meu pai plantava feijão, arrancava o feijão, a gente comia feijão verde, depois arrancava e depois pendurava nas cordas pra passar

no tempo, né? E era bem pobre meu pai, coitado, meu Deus.

DP: E quando a senhora casou houve uma melhora na vida da senhora em termos de condição de vida?

DC: Claro, porque meu marido trabalhava, era pescador, ele ainda arranjava para eu levar para meus pais. Aí os outros também foram casando, foram tendo as suas famílias.

DP: E a senhora acha que a sua geração conseguiu ter uma condição de vida melhor do que a dos seus pais?

DC: Claro, porque meu pai verteu uma casa de telhas depois que a gente se casou e foi trabalhar para ajudar ele a fazer a casa de telha, mas a casa dele era de palha, de taipa. E depois quando cada qual teve sua casa, fomos ajudar ele. Ele deixou uma casa de telha boa, mas de primeiro era casa de palha.

DP: E a vida do seu marido como pescador, quando a senhora casou era uma vida...

DC: Não era uma vida boa também não, minha filha. Gente pobre não arruma gente rica pra casar, não é mesmo?

DP: Acho que não, as coisas continuam assim, essa é a regra.

DC: É verdade. É verdade verdadeira, minha filha.

DP: E ele trabalhou. Então, você conheceu seu marido aos 20 e foi com 20 anos que a senhora casou com ele?

DC: Com 21 anos.

DP: Com 21. E aí a senhora já está com a cerâmica?

DC: Já, minha filha, já e ele me ajudava muito.

DP: E onde a senhora fazia?

DC: Eu fazia dentro de casa mesmo.

DP: E era aqui a casa?

DC: Era aqui.

DP: E foi aqui que a senhora teve os dois filhos?

“Quer ver alegria? É quando a gente está arrumando a louça pra queimar. Aí que Dona Cadú samba com o queimador. Mas é quando reúne todo mundo ali no queimador é que é caro, que aí um fala uma coisa, outro fala outra. A gente ri, todo mundo junto. Está todo mundo unido.” (QUEM)

DC: Foi aqui.

DP: E da comunidade na época só a senhora fazia?

DC: Não. Lá ou aqui?

DP: Aqui, quando a senhora veio para cá.

DC: Não, quando eu vim pra cá tinha muita gente que trabalhava com barro, muita gente trabalhava com o barro. Aqui algumas pessoas que não sabiam aprenderam só um negócio comigo que foi fazer a canoeira. Eu vou lhe mostrar a peça que elas aprenderam comigo. É essa peça. Só essa peça elas não sabiam.

DP: Olha que linda!

DC: Isso aqui a gente chama canoeira.

DP: Linda essa peça!

DC: Só foi essa. E um pote, mas eu não tenho dele. Um pote bojudo assim que chama puca, um pote bojudo assim que elas também aprenderam comigo.

Só foi essa peça e a puca.

DP: Mas as cerâmicas que a senhora faz e as outras, elas são semelhantes ou cada uma faz de um jeito?

DC: Não, cada qual faz como quer fazer.

DP: Mas todo esse ritual que a senhora está fazendo agora isso tudo é um padrão, a senhora tem que moldar...

DC: É.

DP: Me explica como a senhora faz, como é o processo, cada passo o que acontece, como a senhora começa?

DC: Aqui eu amasso o barro. Meço. Amasso e vai assim, bater o bolo do barro para trabalhar. E agora eu sento para armar. Aqui eu ainda vou abrir ela toda novamente pra alisar.

DP: Esse é o primeiro molde?

DC: É. Quando ela está assim já eu agora vou cortar o fundo. Agora eu estou cortando o fundo para alisar. Quando está enxuta, eu boto no sol, quando está quente eu pago a menina para brunir, para passar esse barro vermelho.

DP: Olha que lindo que fica!

DC: Depois de brunir, daí agora a gente queima, vai para o fogo e no fogo é que é coisa, minha filha.

DP: E onde que é?

DC: É ali, ali adiante. Eu vou te mostrar. É de uma quentura que quem não tiver coragem não chega lá no fogo, meu Deus. Esse professor que veio aqui, que vinha aqui, ele sempre vem aqui. Ele foi tirar os graus com uma agulhinha pequena e deu 900 graus o fogo. É uma quentura, é uma quentura, menina.

DP: Quanto tempo demora para queimar?

DC: Se tiver vento, se tiver vento antes de uma hora está queimado, se tiver vento. Mas se não tiver vento é mais de duas horas.

DP: Dona Cadú, quanto tempo a senhora demora para fazer cada peça?

A senhora sabe?

DC: Não, eu ainda não calculei isso não.

DP: Mas a senhora trabalha em média umas oito horas por dia. A senhora vem pra cá cedinho...

DC: Venho. Eu venho pra aqui de manhã cedo, trabalho aqui a manhã antes do café. Depois eu vou em casa tomo um cafezinho e volto. Agora eu só volto em casa novamente na hora do pirão.

DP: E fica aqui até umas cinco horas.

DC: Eu fico aqui o dia todo. Me sinto tão bem aqui, minha filha.

DP: Eu estou vendo. A senhora fica em paz aqui?

DC: É. Eu me sinto tão bem aqui. No dia que eu não trabalho não tem nada certo pra mim. Eu tenho que trabalhar.

DP: E quando os seus filhos eram pequenos, como era a sua rotina?

DC: Quando meus filhos eram pequenos a vida não era boa não, a vida era péssima. A vida era muito assim na surra. Às vezes a gente comia por maré, minha filha. O marido ia mariscar pra que quando chegasse vender o peixinho pra comprar a

farinha, o tempero pra poder comer. E assim Jesus me ajudou e eu criei meus filhos.

DP: E a senhora mantinha esse trabalho desde lá.

DC: Desde lá. Eu eduquei meus filhos com esse trabalho.

DP: A senhora falou que eles estudaram aqui na escola. É a escola municipal? Era aqui da prefeitura ou não?

DC: Tinha a da prefeitura e tinha também a do estado. Meu menino estudou, eu paguei no início a particular, depois foram para a escola da prefeitura e depois foram para a do estado aqui que dava até a quinta série. Da quinta série em diante a gente tinha que partir para outro lugar se os filhos... Se a gente tivesse condições. Vou lhe contar, o meu menino ele se formou, mas eu dei um duro, minha filha, meu Deus, olha que eu não gosto nem de me lembrar do que passei pelo estudo dos meus filhos. Hoje em dia eu fico assim: a criança que não estuda é porque não quer, porque o governo dá de tudo, até Bolsa Escola tem para os filhos, para os meninos ir estudar.

DP: Aqui na comunidade hoje todas as crianças estudam, Dona Cadú?

DC: Estudam. Agora só têm alguns assim que não forçam os meninos a ir pra escola, diz que não vai e não vai, mas tem escola pra todo mundo. Mas de primeiro a coisa era difícil. Quando eu botei meu menino em São Félix eu não tinha condições. Tinha gente que me avacalhava.

DP: Por que a senhora insistia em levar os meninos para a escola?

DC: Exatamente. Diziam assim, minha filha: "Uma pelada, como que vai educar esse menino na escola?". Mas Deus é maravilhoso, minha filha. Eu chamava tanto por Deus que quando foi na formatura dele, ele tirou... Ele fez a oitava série em São Félix. Ele estudou quatro anos em São Félix e três anos em Cachoeira. Ele se formou em Cachoeira.

DP: E como era a ida? A senhora contou ontem que a senhora levava ele para o ônibus.

DC: Eu me arrumava, minha filha, penteava meu o cabelo, passava uma soldadinha. O motorista pensava que eu é quem ia, porque antigamente os meninos não saíam. Motorista nenhum levava menino nenhum sem os pais. Eu não tinha condições de levar ele e de ir buscar, não tinha condições. Eu me arrumava para o motorista poder parar o carro para ele saber que era eu que ia.

DP: E aí a senhora pedia para levá-lo.

DC: Para levar. Aí ele dizia: "A senhora sabe que eu não tenho ordem de carregar de menor sem os pais. E eu dizia: "Oh, motorista, pelo amor de Deus, tenha paciência, eu não posso levar ele e ir buscar". Ele ficava todo tristonho, coitadinho. "Não vou não, mainha". "Se vai meu filho, se vai, entre". Eu empurrava ele de carona assim. Eu dava presente aos motoristas, minha filha, para poder quebrar ele. Depois ele foi se quebrando com aquilo, foi se quebrando até que tinha dia que ele parava assim para esperar pelo menino. Ele estudou quatro anos em São Félix e três anos em Cachoeira.

DP: E isso aqui na região na época ninguém fazia? Quando os seus filhos se formaram a maioria não estudava?

DC: A maioria não. Quem estudou junto com meu menino foi o filho dessa minha comadre que passou aqui. Mas ela era uma das primeiras a me avacalhar. Que condições eu tinha de formar filho? Mas Deus me ajudou que meu filho... Oh, Maria santíssima! Eu agradeço a vós. Agradeço a Deus e algumas pessoas que me ajudaram. Na época tinha dia que eu não tinha nenhum centavo pro meu menino viajar. Eu tomava emprestado, minha filha. Pedia assim: "Vocês tem dinheiro para me emprestar pro meu filho?". "Tem". Eles

emprestavam. Meu marido ia pescar, quando chegava o peixinho que vendia, como é que vai pagar?

DP: E ele passava o dia inteiro fora?

DC: Ele pescava até meio-dia, tem os horários da maré, né? Quando ele chegava ele me dava o dinheiro para eu ir pagar. E livro, minha filha, e livro? Agora o governo dá tudo. De primeiro a gente era que tinha que comprar tudo. Cadê que eu não tinha o dinheiro? Um dia ele chegou e disse: “Mainha, a professora disse que quem não levar o livro segunda-feira não

assiste aula”. Aí ele ficou triste assim com a cabecinha baixa. Aí, minha filha, isso foi um dia de sexta-feira, quando foi o dia de sábado, meus irmãos trabalhavam assim fora e eu disse: “Vou pedir dinheiro a meus irmãos”. Quando cheguei na casa de um, ele disse: “Cadú aqui é novidade”. E eu disse: “Não deixa de num ser”. Aí eu passei a contar o caso a ele, da professora que disse que quem não

levasse o livro não assistia a aula. Ele botou a mão no bolso e disse: “Toma aqui, compra o livro do seu menino”. Aí ele disse: “Vá na casa de...”. Eu fui na casa de Júlio, aí ele disse: “Vá na casa de Antônio, que Antônio também recebeu dinheiro, vai lá para ele lhe dar”. Me arrastei pra lá e quando cheguei lá ele disse: “Cadú aqui é novidade”. E eu disse: “Não deixa de não ser mesmo”. Aí contei o caso a ele e ele botou a mão no bolso: “Tome aqui”, me deu o dinheiro.

“Essa criatura, o pessoal procura é a Dona Cadú. Agora, só que o que Dona Cadú falar, nós temos tudo é que seguir. Se ela cotou uma peça de louça a R\$ 1,00, nós aqui não podemos passar de três. É dois e...” (SANTA)

“A mestra é ela aí. Porque uma pessoa dessa idade, pra fazer o que ela faz, não faz não.” (SANTA)

DP: Dona Cadú, a senhora sabe ler?

DC: Não.

DP: E a senhora sente falta de não ler?

DC: Ah, sinto, eu sinto demais. Agora, tenho orgulho porque eu não sei, mas meus filhos, graças a Deus, sabem. Todos os três, porque Luana [neta] eu considero que seja minha filha. Todos os três se formaram, graças a Maria Santíssima, graças a Deus. Eu tenho orgulho disso, porque eu não sei, porque meus pais não tiveram condições de botar pra eu me ensinar, mas eu com todo o sacrifício eu eduquei meus filhos. Graças a Deus. Eu tenho orgulho disso.

DP: E é pra ter mesmo.

DC: Né? Não é porque eu não sei que eu vou ficar triste por isso não, eu tenho orgulho de meus filhos terem se formado, graças a Deus e Maria Santíssima, Deus que nos abençoe.

DP: Dona Cadú, e a relação com os seus filhos, pelo que eu vi, pelo que a senhora conta, sempre foi uma relação muito forte da senhora com eles, muito carinhosa, não é? Eu queria que a senhora falasse um pouquinho como foi a vida da família, como a senhora os educou, como que foi a infância deles.

DC: A Lúcia, mãe da Luana, é mais velha do que o Balbino. Trabalhou também a coitadinha na cozinha dos brancos, mesmo estudando ela trabalhou na cozinha dos brancos.

DP: Onde ela trabalhou?

DC: Ela trabalhou em Salvador, ela trabalhou lá. Depois ela se casou, casou mesmo, graças a Deus.

DP: Com o pai da Luana?

DC: Com o pai da Luana. Ela casou, arranhou esse rapaz lá e casou aqui.

DP: E como foi essa festa?

DC: Ah, a festa foi boa, a festa foi maravilhosa. Ela primeiro engravidou, mas eu não sabia. Ai eu fiz uma viagem pra ir

pra Bom Jesus da Lapa e quando eu cheguei aqui a minha comadre que me disse que ela tinha dito. Fiquei quieta. Aí quando foi no outro dia – o rapaz também estava aqui – aí fomos almoçar e acabamos de almoçar eu chamei meu marido e disse: “Neco, olha, vai lá na casa de Hosana pra fazer os papéis do casamento de Lucinha”. Assim mesmo. Dei cinco centavos. Tudo o que eu tinha eu gastei pra ir pra Vila. Eu disse: “Você sabe que Lucinha já está grávida?”. Aí ela baixou a cabeça assim, ela tinha um medo dele medonho.

DP: Mas ele era bravo?

DC: Não, né, mas sempre os filhos têm mais medo do pai do que da mãe, não é não? Aí eu disse: “Você sabe que Lucinha, já está grávida? Pois você vai para fazer os papéis”. Eu disse: Balbino?” Ele disse: “Senhora, mãe!” E eu disse assim: “Espia aí a data – eu cheguei dia 16 de setembro – espia aí a data que vai cair 22 de outubro”. Ele olhou e disse: “Vai cair num dia de sábado, mainha”. Eu disse: “Pode marcar para o dia 22 de outubro”. E ele disse: “Será que nós vamos ter condições de fazer isso, assim com poucos dias?” “Tem, porque Deus vai amostrar a providência”. Aí ele foi, se levantou, chamou ele, ele foi e chegou lá assinou logo os papéis. Quando foi no dia de segunda-feira fui para Maragojipe acertar com a igreja.

DP: E aí foi uma festança aqui.

DC: Foi uma festança, só não foi melhor que do outro porque ela estava acidentada. Na véspera... Ela estava lá em Salvador e na véspera, na antevéspera do casamento, ela ia atravessando pro trabalho, lá em Brotas, e uma mulher grávida também, uma motorista, pegou ela e arrastou.

DP: Nossa, Dona Cadú, que coisa traumática.

DC: Foi, minha filha, o cabelo dela o asfalto levou todo.

DP: Nossa, que coisa!

DC: Fiquei eu aqui esperando, ela ficou de vir na quinta-feira, porque o casamento era no sábado e isso aconteceu na quarta-feira com ela.

DP: Que tristeza!

DC: Fiquei esperando na quinta-feira e ela não veio, quando foi na sexta-feira eu liguei pra lá pro menino: “Balbino?” “Senhora, mãe!” “O que foi que aconteceu que Lucinha não veio?”. Aí ele marrou pra não me contar. Eu disse: “Fale”. Aí ele me contou: “Ela vai hoje, mainha, ela vai hoje”. Quando foi na quinta-feira à noite ela saltou aí carregada por duas pessoas.

DP: Mas o que aconteceu, no fim ela sofreu algum traumatismo?

DC: Ah, minha filha, ela quebrou uma perna, um braço, chegou toda enfaixada a coitadinha.

DP: No dia do casamento e casou assim?

DC: Aí o povo disse assim: “Nossa, Dona Cadú, se eu fosse você eu desmarcava.” Mas como era que eu podia desmarcar, minha filha, tudo pronto, minha filha, tudo pronto já e eu disse: “Não, ela vai casar, ela casa como ela queria.”

DP: E mesmo grávida, ela não perdeu o nenê?

DC: Não perdeu a Luana. Luana tem uma força forte, Luana é forte, minha filha.

DP: Incrível essa história.

DC: Aí eu disse: “Ela vai casar mesmo e quando ela ficar boa ela já está casada”. O bolo já estava feito, tinha encomendado em Maragojipe e tinha que ir buscar. A quem eu iria vender esse bolo? A quem a moça iria vender esse bolo?

DP: E onde foi a festa?

DC: A festa foi aqui mesmo em casa, foi.

DP: E veio todo mundo?

DC: Veio todo mundo.

DP: As pessoas que estão aqui hoje, Dona Cadú, são pessoas que os pais já moravam



Cozinha e sala da casa de Dona Cadú



aqui, assim, essa geração mais jovem é de famílias que vivem aqui desde que a senhora...

DC: Desde que eu cheguei praqui.

DP: É. E teve gente nova que veio pra cá ou basicamente se manteve?

DC: Basicamente...

DP: Basicamente se manteve o grupo original?

DC: Não. O rapaz dono daquela fazenda ali, ele já faleceu também, aí ele veio aqui,

ele tinha carro e disse: "Vou levar ela na igreja". Aí a gente carregou ela pra casa de Dita, ela se arrumou na casa de Dita e quando foi de noite – casamento foi de noite – assim mesmo ela estava animada. Agora, na hora que tiraram ela pra botar no altar pra ela assinar, aí nessa hora ela chorou, nessa hora que ela chorou, mas depois ela ficou animada de tudo e em pouco tempo Jesus ajudou e ela ficou boa, graças a Deus!

DP: E o marido dela, de onde é?

DC: Ele é lá de Salvador. Mas, minha filha, é um anjo de gente, é um anjo, minha filha. Você veja ela...

DP: A senhora tem foto dela?

DC: Tenho no álbum do casamento de Luana.

DP: Então nós vamos ver depois.

DC: Vou mandar Luana lhe mostrar o álbum do casamento dela. Luana tá bonita no casamento.

DP: Ela é bonita.

DC: Luana ficou bonita. No álbum do casamento de Luana ela está. Mas é um anjo de gente a minha menina.

DP: E mora em Salvador desde aquela época, desde mocinha?

DC: Desde mocinha. Quando casou já morava lá, trabalhando.

DP: E ela trabalhava na casa, cozinha, e ela continua trabalhando como cozinheira ou não?

DC: Não, agora, graças a Deus, ela trabalha lá no hospital, lá na...

DP: A senhora tinha me dito, né, no hospital do INSS?

DC: Trabalha.

DP: E o que ele faz, Dona Cadú?

DC: Ele trabalha lá numa empresa de negócio de jornal.

DP: Sei. Uma gráfica, será?

DC: Eu acho que sim.

DP: E eles vêm bastante pra cá pra ver a senhora, pra ver a Luana?

DC: Vêm, vêm.

DP: E a Luana não quis ir pra lá?

DC: Não.

DP: Não quis a vida na cidade grande?

DC: Ave Maria, quer nada.

DP: E cozinhar, o que a senhora gosta de cozinhar, Dona Cadú? O que a senhora faz, quais são as suas especialidades?

DC: Não tenho, não tenho preferência não.

DP: Mas as comidas típicas daqui quais são? Bom, caruru todo mundo faz...

DC: É, caruru todo mundo faz, feijoada todo mundo faz.

DC: E o Balbino também casou aqui, com uma moça dali da rua.

DP: E aí foi para Salvador quando?

DC: Ele também já trabalhava lá. Quando casou já trabalhava lá.

DP: O que ele fazia lá, também trabalhava pro estado, pra prefeitura?

DC: Sim, é. Não é da prefeitura não, é do

estado. Todos os dois, acho que já tem 25 anos que eles estão lá, que trabalham. E tinha gente que me avacalhava, porque ele se formou e ficou uns dois ou três anos sem trabalhar. Diziam assim: "Ah, mas pra que essa formatura do filho de Dona Cadú? Se formou e está aí pescando mais o pai".

DP: Ele ficou um tempo trabalhando com o pai?

DC: Com o pai. E eu dizia: "Mas tá lá mais o pai, minha gente". Ele vivia triste por isso e eu dizia: "Não fique triste por isso não, meu filho. Não falta Deus por quem chama, deixa estar que um dia o seu trabalho chega". E chegou.

DP: E para eles saírem daqui foi muito duro, ficarem longe da família?

DC: Ah, foi sim, eu chorava de noite e de dia.

DP: Eu imagino. Não tinha telefone, não tinha essas facilidades.

DC: Não tinha, não tinha. E agora não, agora qualquer hora que eu quero conversar com eles eu converso.

DP: E quando foi que a senhora passou a ter telefone, faz tempo?

DC: Telefone tem uns cinco anos.

DP: E luz elétrica, quando é que chegou aqui? Não lembra? Foi quando os seus filhos eram pequenos?

DC: Era, eles eram pequenos. Mas a gente às vezes se iluminava de cipó, de candeeiro.

DP: Essas melhorias todas, Dona Cadú, a senhora estava falando que não tinha fogão a gás, não tinha luz elétrica...

DC: Não tinha água encanada...

DP: Quando foi que chegaram todas essas melhorias, a senhora lembra?

DC: Meu marido ainda era vivo.

DP: Uns 20 anos.

DC: Exatamente, ele ainda era vivo. A luz... Ele ainda disse: "Bota..." O recibo ainda estava no nome dele. Mas a água ele

achava difícil. Ele achava difícil ter água.

DP: E como é que vocês faziam, onde vocês pegavam água?

DC: Ah, minha filha, a gente pegava água nos tanques, nas fontes, na centelha que é ali do outro lado, a gente pegava a canoa pra ir do outro lado, tem uma água forte ali do outro lado. Ele disse: "Ah, não dá meu nome pra essa porcaria, porque a água não vem pra cá". Eu disse: "Quem sabe?" Eu digo: "Eu vou dar o meu". Então quando ele faleceu a água toda vida foi no meu nome e a energia no nome dele. Depois que eu tirei do nome dele a energia. Mas era uma dificuldade de água.

DP: Que difícil isso, acho que é a pior coisa. Banho, tudo, era com o quê, com balde?

DC: E água aí da maré, do rio, salgado, oh meu Deus!

DP: A senhora aqui nunca usou médico?

DC: Não.

DP: E a comunidade daqui quando precisava tinha que recorrer onde?

DC: Tinha que ir pra São Félix. Agora tem em Maragojipe, às vezes tem aí o posto. Mas eu, graças a Deus, nunca fui, porque eu só tenho problema de pressão alta.

DP: A senhora toma remédio?

DC: Eu tomo remédio.

DP: Mas dorme direito, come direito?

DC: É, como direito. Às vezes tem gente que diz assim... Uma vez meu menino chegou e encontrou uma panelada de feijão no fogo e ele disse assim: "Mãe, a senhora estava esperando a gente?" Eu disse não. "E por que a senhora botou esse feijão no fogo?". "Pra eu comer" (risos). Ele disse assim: "Ah, mãe...". Tinha repolho, tinha nabo, tinha mocotó, tudo no feijão. Ele disse assim: "Ah, mãe, pelo amor de Deus, não come mais esse feijão forte assim não, mãe". Aí a menina disse: "Deixa a mãe comer o que ela tem

"Porque se Coqueiros hoje tem uma cultura esquecida e se tem pessoas bem idosas que sabem dessa cultura, por que não levantar essa cultura, não procurar apoio e levantar? Dona Cadú agora está levantando o samba, não sei se você sabe, mas Dona Cadú está levantando o samba."
(ADEMIR)

vontade, não fica mais amedrontando ela, a senhora tem vontade, coma, minha mãe". E eu disse assim: "Eu como sim, não é porque ele está dizendo pra eu não comer que eu não vou comer". Quando eu sinto fome eu como. Graças a Deus, comida nunca me fez mal. Graças a Deus. Eu como feijão duas vezes ao dia. Eu como ao meio dia e de noite.

Eu digo a ele assim: "Eu não trabalho, não vou comer meu feijão? Por favor, me deixe". É meio dia e de noite que eu como feijão. Graças a Deus, minha filha, pra eu continuar durando.

DP: Eu ainda ia perguntar alguma coisa para a senhora, mas até esqueci, Dona Cadú. Era sobre... Ah, sobre as festas religiosas da região...

DC: As festas daqui são boas.

DP: Quais são as festas tradicionais?

DC: As festas daqui é em primeiro de janeiro e a festa dos Santos Anjos.

DP: E quando que é?

DC: A dos Santos Anjos foi ontem.

DP: A dos Santos Anjos foi ontem, que é o Dia das Crianças.

DC: É, 12 de outubro. E 1º de janeiro é da Conceição. É uma festa no mar que você nem imagina, é uma beleza.

DP: Como que é a festa?

DC: Tem uma festa no mar forte.

Levam o Bom Jesus dos Navegantes até Ponta de Sousa e quando é mais tarde vão buscar, todos os barcos vão buscar. Aí é todo mundo sambando, todo mundo cantando.

DP: A senhora já contou do samba que a senhora está armando aí.

DC: O samba já está armado, já fui em Santo Amaro com o meu samba. O povo é quem quer. O povo quer, vamos embora lá, né? Agora vai ter um encontro desse samba no dia 26.

DP: Dona Cadú, a senhora estava falando das festas e eu vi que está presente aqui...

a vida religiosa da comunidade é muito forte.

DC: É, mas também tem muito crente.

DP: Tem muito crente?

DC: Ah, menina, a vila está pestiada de crente (risos). Tem muito crente. Os crentes daqui ficam me seduzindo, é bom, não sei o quê. Ontem mesmo me chegaram aqui dois e me perguntaram: "A pessoa quando morre pra onde é que vai?". "Pro cemitério" (risos). Pra onde é que vai? "Dona Cadú, a pessoa quando morre pra onde é que vai?" E eu disse: "Pro cemitério". Porque eu não sei pra onde vai o espírito, Deus é quem sabe. E eu disse: "E você sabe?" "Ah, não".

"Então você quer saber... você está me perguntando pra onde que os mortos vão?" Eu só sei que vão pro cemitério, agora, o espírito é Deus é quem sabe, né? E ele disse: "A senhora está certa."

DP: E quem é o líder religioso da região? Tem um padre aqui da região que faz as missas, porque aquela senhora que estava aqui tinha dito que vem um de Salvador.

DC: É, mas vem um de Maragogipe, que é da região, um tal de Reginaldo.

DP: O candomblé também é forte, eu tinha perguntado para a senhora...

DC: Tem o candomblé aí, mas eu não vou não. Mas tem candomblé.

DP: A senhora tinha dito que o seu pai era do candomblé.

DC: Meu pai era. Mas não é porque meu pai... Meu pai não era de candomblé, meu pai era índio. Agora, ele tinha devoção com o São Cosme. Ele rezava todo ano. Ele rezava a São Cosme. Agora, de candomblé, não. Ele rezava a São Cosme e tinha o samba. Eu tenho o meu e o de meu pai que ficou pra mim.

DP: É, a senhora mostrou pra mim, é tão bonito. E a casa é muito bonita, a senhora é toda cuidadosa. A senhora disse que é a Luana que...

DC: É, Luana é quem cuida da casa.



DP: A Luana que cuida.

DC: Eu não tenho tempo de cuidar de casa. Se eu for cuidar de casa...

DP: Ela vem cedinho pra cá, vem seis e meia, sete horas...

DC: Não.

DP: Antes disso?

DC: Cinco e meia eu estou aqui.

DP: E fica sentadinha aqui o dia inteiro, igual índio.

DC: Meu pai, a mãe dele foi pegada no dente de cachorro no mato. A mãe de meu pai. Agora, eu não alcancei ela não.

DP: A senhora não a conheceu?

DC: Não. Conheci a mãe de minha mãe, mas a de meu pai não. A mãe de minha mãe morreu com 130 anos. E morreu forte ainda.

DP: Incrível, Dona Cadú.

DC: E todo dia ela tomava duas garrafinhas de cachaça. Mas eu não

bebo. Eu nunca bebi, nunca fumei. Meu vício é o café, mas bebida não.

DP: E isso pelo visto é um problema dos homens da região, dos homens em geral, todos assim...

DC: Não, não são todos não.

DP: A senhora disse que a sua avó foi pega no mato com cachorro? Como é que é isso?

DC: A dente de cachorro. O povo não bota cachorro em cima de índio pra pegar não? Meu pai teve uma irmã que ela correu pra dentro dos matos e pegaram

ela a dente de cachorro também, trouxeram pra casa, minha mãe é que conta, contava. Quando ela chegou ela ficou, olha, não mostrou a cara dela a ninguém. Ela ficou assim até o dia que morreu. Eles tinham um arrependimento medonho porque eles trouxeram ela aqui a pulso. Trouxe a pulso e morreu. Meu pai era um caboclão, minha filha.

DP: A senhora teve uma relação muito forte com ele, era uma pessoa que tinha essa capacidade de se comunicar, como a senhora.

DC: Meu pai era um anjo, minha filha.

DP: E quando a senhora conversa com ele, a senhora disse que conversa com ele de vez em quando, o que a senhora fala?

DC: Eu sinto saudade dele. Eu sinto muita saudade de meu pai.

DP: Quais são os momentos que a senhora sente mais?

DC: Ai, menina, à noite. No dia de domingo eu sinto tanta saudade dele.

DP: E do seu marido, Dona Cadú, a senhora disse que teve uma relação muito forte com ele, foi um casamento feliz.

DC: Graças a Deus, ele era um anjo de marido. Era uma pessoa muito boa pra mim, não só pra mim como pra todo mundo. Eu sei que no dia que ele faleceu aqui, ave Maria, o pessoal passou a se cobrir de luto. Todo mundo gostava muito dele, ele era uma pessoa muito amiga.

DP: E a senhora conversava muito com ele?

DC: Ah, conversava, minha filha, a gente conversava muito. Você vê que na véspera dele falecer, que ele ia pra Salvador que ele ainda estava se tratando, ele me disse assim: "Peu – ele me chamava Peu –, olha, eu não devo nada aqui a ninguém". Eu disse: "Por que isso?" E ele disse: "Eu vou

sair e estou te dizendo que não devo nada a ninguém". Eu disse: "E por que que é isso? Você não vem depois de amanhã?" Ele disse: "Eu venho depois de amanhã, mas eu vou viajar e alguém pode chegar aqui e dizer que eu estou devendo". Eu disse: "Não, ninguém vai dizer que você está devendo porque você vai chegar depois de amanhã". Ele disse assim: "Eu não devo aqui um centavo a ninguém. Agora, fulano de tal me deve tanto, fulano de tal me deve tanto", ele disse todo mundo que devia a ele. Quando foi no outro dia pra amanhecer, isso foi quarta-feira, quando foi pra amanhecer quinta-feira, sete horas do dia ele faleceu. Quinta-feira ele faleceu.

DP: Dona Cadú, a senhora estava falando da relação com a comunidade, eu percebi que a senhora tem uma relação bem forte com os seus companheiros aqui.

DC: Ah, é, eu graças a Deus me dou muito bem com os meus vizinhos, com as pessoas. Eu me dou muito bem. E acho que todo mundo aqui também é como eu, que gosta de todo mundo.

DP: Mas existe uma relação cooperativa das pessoas, a senhora sente isso?

DC: Eu sinto isso de algumas, não de todos, né?

DP: Mas a senhora acha que quando a senhora veio pra cá essas relações eram mais fortes, elas mudaram?

DC: Não, não era mais forte não.

Eu acho que agora é mais forte, porque quando eu vim pra aqui, minha filha, eu não conhecia ninguém. Depois que a gente foi se ajuntando, se ajuntando e aí cresceu, né?

DP: E quais são as situações que vocês vivem juntos, a senhora disse que essas festas religiosas são momentos que reúnem toda a comunidade. Quais são os momentos que vocês têm?

DC: A gente se reúne muito é no trabalho. Na hora em que estamos trabalhando é

que a gente toda se reúne. Porque se eu for queimar hoje todo mundo vai me ajudar. E se as outras forem queimar, aí todo mundo se reúne pra se ajudar umas às outras. Mas em festa não, em festa cada qual que se arrume mais, porque cada qual quer andar mais bonita que a outra (risos).

DP: Eu já percebi que as mulheres são muito bonitas, muito vaidosas e muito bonitas.

DC: São vaidosas, gostam muito de andar bonitas.

DP: Eu percebi mesmo que as mulheres gostam de andar arrumadas.

DC: É, todo mundo gosta de andar arrumada.

DP: E as mulheres que não trabalham com cerâmica trabalham onde, Dona Cadú?

DC: Com peixe.

DP: Vendem peixe?

DC: Vendem, compram marisco, catam siri, compram ostra assim e aí vendem, né?

DP: E vendem para as cidades?

DC: Vai para Maragogipe, vai para Cachoeira, vai para São Félix e muitas vão até pra Salvador vender.

DP: E aqui da comunidade, quem é a pessoa que a senhora tem uma relação mais forte, com aquela senhora que veio aqui?

DC: A minha comadre?

DP: É com a sua comadre que veio aqui, não veio?

DC: É. E com a Lurdes, com a Lurdes eu tenho uma relação muito forte. A Lurdes tem oito filhos e todos os oito são meus afilhados. Eu acho assim que a gente é muito colegada. Eu sou colegada com todas elas, mas com ela é diferente.

DP: Por que a senhora sente mais afinidade?

DC: Porque a gente às vezes quando vai fazer uma coisa, a gente fica mais amiga uma com as outras, será que até

"Cadú que é a influente."
(HELENA)

"O que Dona Cadú chegar e falar, todo mundo segue."
(SANTA)

dá, ou não dá. E as outras a gente não tem isso..

DP: E conflito, tem muito conflito, o que gera conflito aqui, quais as situações que aconteceram que houve uma disputa dentro da comunidade que foi mais difícil, alguma briga difícil que tenha ocorrido aqui?

DC: Comigo mesmo, não.

DP: É que a senhora tem esse papel de liderança, a senhora é uma líder, não é?

DC: Comigo mesmo não, às vezes tem com as outras lá, de discutir, mas comigo ninguém nunca discutiu, porque também eu acho feio pessoa discutir, né? Eu acho feio.

DP: Com os seus filhos a senhora sempre teve esse cuidado?

DC: Graças a Deus. Eu e meus filhos nós somos muito unidos. Você vê que ontem meu menino ligou pra me dizer: "Mãe, mainha, não esquece que eu te amo". Ai, meu Deus do céu, que saudade dele quando ele me disse isso. "Mainha? Bença, Mainha" "Deus te abençoe", "Mainha, eu te amo". "Oh, meu filho, eu te adoro". Naquele momento, se eu tivesse perto de meu filho eu ia dar um abraço nele.

DP: E Dona Cadú, na geração deles os outros filhos que têm a idade dos seus filhos não estudaram? A senhora foi uma das únicas que conseguiu?

DC: Que consegui. Na situação minha. As dos outros as mães às vezes diziam assim: "Eu não tenho condições, vou fazer o que não posso?", mas eu clamei tanto por Deus.

DP: Por que a senhora acha que era tão importante para a senhora?

DC: Oh, minha filha, era tudo na vida que eu queria dar a meus filhos.

DP: E por que as outras famílias não tiveram essa mesma preocupação?

DC: É a mentalidade que não teve, né? Porque eu não estudei, não achei isso, mas

eu achava que o que eu podia dar a meus filhos era isso.

DP: E seu marido também achava?

DC: Achava. Ele chegava a meter medo no menino: "Olha se você não passar esse ano não vai mais estudar, porque a gente não tem condições". Ele prometia assim: "Se você passar, vou lhe dar uma bicicleta". Ele fazia assim pra mim: [Cadú faz gestos] Pro menino, né? "Se você não passar eu não dou, mas se passar eu dou". E ele dizia assim: "Cadê, Mainha, Painho já comprou? Eu dizia: "Não, mas vai comprar". "Vai comprar o quê, Mainha, todo ano é isso." E morreu e nunca deu esta bicicleta (risos).

DP: A bicicleta não chegou?

DC: Não chegou, a bicicleta não chegou. "Ele não tem condições de lhe dar uma bicicleta, filho". "Pra que ele promete, Mainha?"

DP: Era um estímulo, era pra empurrar...

DC: Eu dizia: "Ele está te empurrando, meu filho, pra Jesus te ajudar que você capriche e passe e não porque ele tem..." Tinha dia que eu dava risada com ele. "O que é?" "Você não vai dar essa bicicleta?" (risos).

DP: E ele era um pescador contador de histórias, contador de causos?

DC: Ele contava muitos causos aos colegas aí.

DP: A senhora se lembra de alguma história de pescador, de alguma história fantástica de pescador?

DC: Não, essas coisas ele contava por lá, com os camaradas.

DP: E essa separação entre os homens e as mulheres ainda existe aqui muito forte?

E como é essa convivência, os homens tratam bem as mulheres aqui?

DC: Não. Têm muitos que tratam bem, mas tem muitos que bebem.

DP: Bebem e batem?

DC: Claro.

DP: E as mulheres estão mais atentas a isso, elas denunciam ou não?

DC: Não. De jeito nenhum.

DP: Dona Cadú, quando esse projeto do Artesanato Solidário foi implantado, como é que foi para as senhoras todas, essa presença de fora?

DC: Olha, menina, umas gostaram, outras não gostaram e sempre ainda continua nisso, umas gostam, outras não gostam.

DP: Porque antes deles virem, antes do Artesanato Solidário vir pra cá, o número de pessoas que trabalhavam era o mesmo ou aumentou?

DC: Eu achei que até que saíram mais, porque aquelas de lá da estrada que têm aquelas painelas ali, elas todas trabalhavam na casa da Associação. Elas todas se saíram dali.

DP: Isso agora ou depois?

DC: Depois elas saíram. Quando fez essa Associação, elas se uniram com a gente, depois foram se saindo, se saindo, elas não vieram mais para trabalhar com a gente.

DP: O que a senhora achou dessa experiência, da implantação do projeto, da interferência deles?

DC: Pra mim eu achei bom, né? Pra mim eu achei bom, mas se as outras, às vezes, se esmorecem, eu sozinha vou enfrentar? Não, né?

DP: A senhora acha que o trabalho foi mais valorizado, quer dizer, hoje é mais fácil essa venda ou não? Porque às vezes parece que essas ações terão resultados imediatos, mas logo depois voltam um pouco.

DC: Exato, é verdade.

DP: Porque foi um projeto grande, teve uma interferência grande aqui na organização da comunidade, não teve?

DC: Teve sim.

DP: Essas vendas que a senhora faz agora para os restaurantes isso a senhora já fazia?

DC: Já fazia. Esse pessoal que eu vendo antes de Luana nascer que eu já vendia pra eles, antes de Luana nascer eu já vendia pra eles. Tem um restaurante de moqueca, tem um em Salvador, um em Feira de Santana, um em Brasília, eles continuam comprando da minha mão. Na minha e na mão da Lurdes. Eles dizem que a minha com a Lurdes conferem.

DP: E são muito diferentes os trabalhos de vocês?

DC: Mas é claro, tem muita diferença. A minha mais a de Lurdes conferem.

DP: Porque que a senhora acha que é mais parecida, pelo cuidado? Eu estou vendo que a senhora faz com muita delicadeza e vai moldando e vai refazendo.

DC: Mesma coisa é de Lurdes. A de Lurdes é a mesma coisa que a minha. Já as outras fazem de qualquer maneira e jogam pra lá com uma grossura imensa.

DP: Eu estou vendo que é muito delicado, a senhora vai lapidando.

DC: A delas é muito grossa. Às vezes se a gente falar elas não gostam, porque se a gente falar assim: Essa não tá boa, elas não gostam se a gente falar que não tá boa. Já eu gosto quando alguém fala, porque se tiver algum defeito eu já vou...

DP: Corrigindo.

DC: Claro (risos). Na outra semana mesmo a gente queimou umas peças e Lurdes disse assim: "Não se azangue não, mas as tuas frigideiras estão pequenas". Eu disse: "Não, não vou me azangar porque está dizendo que as minhas frigideiras estão pequenas, não. Eu tô gostando, porque tenho que aumentar, se você está achando que está pequena eu tenho que aumentar". Mas tem muitas delas que não gostam quando a gente fala o defeito.

Quando eu às vezes estou no queimador com elas e vejo a grossura eu digo assim: "Gente, afina mais, essa frigideira está muito grossa, não tem fogo que aguento"

É por isso que elas não gostam.

DP: Mesmo a senhora falando que tem essa autoridade toda sobre aqui.

DC: É, elas não gostam.

DP: Outra coisa que eu ia perguntar para a senhora, Dona Cadú: como é a função, o lugar que os idosos ocupam aqui na comunidade? Se são respeitados, se as pessoas, enfim, pedem conselho? Porque a senhora é uma pessoa muito respeitada aqui...

DC: É.

DP: Embora a senhora não pareça idosa...

DC: Eu acho que de idoso aqui o mais respeitado sou eu. Eu acho assim, porque tem muito idoso que entra assim no meio dos meninos e fica procurando negócio de brincadeira, isso não está certo, a gente tem que tem respeito, porque a gente é mais idoso, porque daí os meninos também pensam que podem entrar...

Você vê que quase todo mundo, todas as pessoas passam aqui e me tomam a bênção. Quase todos. Se passar aqui... Cadê a bênção? Se passar e não der bom dia nem boa tarde eu digo: "A bênção não é melhor não?". Eu digo a eles: "A bênção não é melhor não?" Rapaz assim da tua idade passa aqui e toma a bênção, entendeu? Esse marido de Luana, quando eu batizei ele, ele já estava taludo, né? Ele passava por mim: "Oi, Dona Cadú". Eu: "Olhe, quando sua mãe falou pra batizar, eu batizei, mas olhe:

"Cadú é madrinha, eles só chamam Cadú de madrinha, meus filhos todos chamam Cadú de madrinha, têm mais coisa com ela do que com eu. Cadú passa: 'Bênção, minha madrinha'. E já pra mim eles não ligam de pedir a bênção. Pedem bênção mesmo é a ela. E eu digo: 'Respeite ela.' Eu não quero que desrespeite ela não." (LURDES)

de hoje em diante muito respeito comigo e tem que me tomar a bênção". Ai dele se não me tomar a bênção. O pai ele não toma a bênção, a mãe ele não toma a bênção, mas amanheceu o dia: "A bênção, madrinha". "Jesus que lhe abençoe". Quando vai dormir: "A bênção, madrinha". "Jesus que lhe abençoe". Eu disse logo, tem que me tomar a bênção. Hoje em dia a gente vê que os filhos não tomam mais a bênção ao pai nem a mãe.

DP: E as crianças aqui, Dona Cadú, a senhora disse que essa é a grande diferença, porque todos estudam hoje.

DC: Estudam. Agora só tem aqui uma família que os meninos não vão pra escola, a mãe não força, se ele disser que não vai, ele não vai mesmo. Mas todos eles estudam. Quem não estuda de manhã estuda pela tarde. Tem um grupo que estuda pela manhã, tem outro que estuda pela tarde e tem outro que estuda pela noite.

DP: E muitos dos filhos saíram daqui como os seus filhos, Dona Cadú, muitos filhos foram para Salvador.

DC: Foi.

DP: Como a da sua comadre, que a filha foi trabalhar em Salvador.

DC: As filhas foram todas.

DP: E a comunidade não diminuiu?

DC: Não.

DP: Continua crescendo?

DC: Continua crescendo, porque, menina, agora mesmo tem uma quantidade de mulher grávida aqui que é um castigo, ave Maria, tem mais de dez somente aqui, nesse meozinho, tem mais de dez mulheres grávidas.

DP: E todas bem mocinhas?

DC: É. Só tem que render as famílias, né, só tem que render.

DP: E tem alguma coisa que a senhora acha que são tradições dessa comunidade? O que a senhora acha que é uma

característica aqui da cidade? A cerâmica, o que mais? O samba.

DC: A pescaria. E só mesmo.

DP: E televisão, Dona Cadú, todo mundo tem televisão. Ai, que desespero.

DC: Todo mundo tem televisão. Eu não gosto muito de televisão, eu gosto de assistir o jornal. O jornal é que eu gosto de assistir, mas... E essa novela que terminou eu fiquei doida para ver o final. Essa que terminou às vezes Luana mudava de canal e eu dizia: "Eu quero ver o final da novela." Olha, eu tinha três televisões. Tinha a da sala, a do quarto da Luana e a do meu quarto. As do quarto eu dei uma.

DP: Para quem a senhora deu?

DC: Eu dei para um pobre-coitado aí da roça que mora lá dentro do mato e que tem filho que nem rato e não tem nada dentro de casa. É colega de Neto e eu disse: "Neto, pega essa televisão aí do meu quarto e dê pra eles". E a do quarto de Luana eles não queriam assistir o jornal, só queriam assistir na daqui da sala. Aí a menina de Balbino... A tia morava lá na casa de Balbino. A casa de Balbino é de dois andares, aí a menina fica no andar de cima e ele disse: "Quando a tia casou levou a televisão". E ela disse: "Ah, agora fiquei sem televisão". Eu peguei a de Luana e mandei pra ela. "Mas não se preocupe não, Luana, eu ainda vou comprar uma para o seu quarto."

DP: Qual é o jornal que a senhora assiste? O jornal das oito?

DC: É o Jornal Nacional. Eu gosto muito de assistir na televisão é o Jornal da Bahia, mas por causa da antena parabólica não pega. Eu gosto muito de assistir, mas só pega o nacional.

DP: Quando a senhora comprou televisão, a senhora lembra isso?

DC: Não, não lembro não. A primeira televisão que eu tive foi uma branco e preta. Foi Lucinha quem comprou e me deu. Depois quando eu comprei outra, aí

eu dei a que ela tinha comprado, eu dei. Quando eu comprei uma, aí eu comprei uma de 14 polegadas, depois eu comprei uma de 20, essa de 20 que eu dei pra roça, eu peguei e dei essa pra roça.

Eu acho que a gente deve fazer isso.

Às vezes a gente tem... Tem pessoas que querem ter as coisas e não podem.

Eu cheguei, peguei e dei.

ML: A senhora interferiu na eleição daqui?

DC: Claro.

ML: E o seu candidato venceu a eleição?

DC: Venceu.

DP: A senhora nem precisava votar pela idade...

DC: Ele já era prefeito. Eu disse: "Está certo". Aí a gente votou com ele. E no vereador.

DP: A senhora nem precisava votar, se não quisesse não precisava votar.

DC: Eu já disse, agora na próxima eleição eu não voto mais pra ninguém, não por falta de saúde minha, mas...

DP: Quando é seu aniversário, Dona Cadú?

DC: É 14 de abril. Eu e Luana, todas duas, é 14 de abril.

DP: As duas? A senhora comemora junto com a Luana o aniversário?

DC: É. Se traz um presente tem que trazer dois, o meu e o de Luana.

DP: E teve comemoração este ano, porque a data é bonita, 2008, 88 anos, não é pouca coisa, né?

DC: Teve. Lucinha trouxe o bolo de lá de Salvador. E trouxe um buquê de flor lindo, trouxe outro pra Luana. A gente comemora, todo ano a gente comemora.

DP: E daqui a senhora sai pouco, daqui de Coqueiros?

DC: É.

DP: A senhora disse que já foi para Salvador algumas vezes, né?

DC: Já fui. Mas nunca mais saí pra coisa nenhuma. Só pro samba de Irará que fui em Santo Amaro. Mas nunca mais saí, não.

DP: E aqui em Coqueiros, quando a senhora não está aqui, a senhora está onde? Onde a senhora gosta de ficar quando a senhora quer ficar calminha?

DC: Não, eu não saio. Quando eu não estou aqui, eu estou lá, e quando eu não estou lá, eu estou aqui, mas não saio pra canto nenhum, pra canto nenhum eu não saio.

DP: Isso nos últimos muitos anos?

DC: É, muitos anos. Olha, minha filha, sei lá, depois que meu marido morreu eu acabei com aquele fluência que eu saía para as festas.

DP: A senhora ia com ele?

DC: Não, ele ficava em casa.

DP: Mas pelo menos ele ficava cuidando da casa.

DC: É, ele ficava, mas eu saía, ia para as novenas, ia tirar as novenas lá, eu ia, mas depois que ele faleceu a gente não tem mais aquela aproximação para nada não, minha filha.

DP: A senhora ficou muito deprimida?

DC: Ah, sim, demais, fiquei mesmo. Eu fiquei tão ruim de uma forma que até a chefe de Lucinha veio, Lucinha só ia passar oito dias comigo, mas ela viu minha situação e ela deu 15 dias a Lucinha pra passar comigo aqui dentro de casa. Luana tinha seis anos, era pequena, só ficou nós duas dentro de casa. Aí a Lurdes que tinha uma filha já ficando crescidinha, a Márcia. A Márcia que ficou comigo e Luana. Depois a Márcia foi ficando mocinha, ficando mocinha e foi se embora pra casa, mas ela ficou aqui comigo muito tempo pra fazer companhia. É ruim demais, menina, ficar sozinha assim dentro de casa. Meu filho queria me levar pra Salvador, mas se eu fosse pra Salvador eu não ia acostumar a ficar dentro de casa, eu não ia mais acostumar. Então eu disse: “Não, eu não saio daqui de dentro de casa

não, vou ficar, porque se eu sair vai ficar ruim”. Aí eu fiquei dentro de casa. Eles é que vinham, toda semana eles vinham, todo final de semana eles vinham ficar comigo.

DP: Dona Cadú, a senhora já ficou algum dia sem fazer cerâmica? A senhora trabalha todo dia?

DC: Todo dia eu trabalho. Ontem eu não armei, mas trabalhei que fiz os fundos. Todo dia eu trabalho, todos os dias.

DP: A senhora sente falta se a senhora não fizer? Se por algum motivo a senhora não fizer, a senhora vai achar estranho?

DC: Acho. “Ah, meu Deus, hoje eu não trabalhei”. A Luana diz: “Ave Maria, vó, também é demais, não descansa”. E eu digo: “Filha, meu distraimento é meu trabalho”. A gente ganha um pão e um pedaço e depois divide. Eu faço duas peças hoje, duas peças amanhã, aí vou em frente.

DP: A senhora falou que esses meses que choveu muito foram difíceis.

DC: Foi muito difícil esse mês que passou, três ou quatro meses que passaram aí a gente não queimou uma peça pra vender, minha filha. Nem podia trabalhar. Um frio que a gente não suportava. Quem aguentava ficar com a mão dentro da água? A gente não aguentava. A gente passou dificuldade. Não passamos fome porque tinha a venda pra vender fiado à gente, senão a gente tinha passado fome.

ML: Essa peça aí é coco?

DC: Não, é cabaça. Passamos dificuldade mesmo.

DP: Dona Cadú, quando a senhora quiser parar... Eu acho que eu vou dar uma paradinha.

DC: Tá bom.

Este livro foi editado em São Paulo, em Fevereiro de 2009, composto nos tipos Frutiger e Justlehand. O miolo foi impresso em Papel Couche Fosco 150 g. fornecido pela XXXXXXX, com impressão e acabamento da Pancrom Industria Gráfica.